Notas Historicas sobre os indigenas cearenses

CARLOS STUDART FILHO.

A historia das tribus selvagens que aqui viviam ao tempo do povoamento e da conquista do Brasil, continúa a ser das mais fragmentarias dada a carencia de material idoneo para sua elaboração

Não é que nas chronicas do Ceará Colonial escasseiem noticias a respeito dos selvicolas. Bem ao contrario disso; nos milhares de papeis antigos trazidos á luz da publicidade pelo labor esclarecido do Barão de Studart, de Antonio Bezerra e de varios outros abnegados historiographos patricios, muito a miude se allude ao incola e ás guerras que houveram de sustentar os brancos para expellil-os da Capitania ou sujeital-os a seu dominio.

Nesse cabedal immenso de informações ha, porém, pouco subsidio aproveitavel ao caso.

E' que em taes documentos raro apparece especificado o nome de uma cabilda, sendo commum encontrarem-se nelles o termo generico **tapuias** para significar hordas zês e **cariry**s e a palavra indio para designar os selvicolas pertencentes ao grupo tupi.

Outro facto que concorre para difficultar a tarefa dos que desejam recompôr em todos seus detalhes a historia dos indigenas cearenses, é andarem as noticias, que a elles se referem, tão esparsas que só a custa de ingentes trabalhos pode alguem aproveital-as convenientemente.

Para obviar a esse estorvo e como subsidio a tão interessante estudo, traçamos o plano de coordenar as noticias historicas

mais importantes que, nos escriptos antigos e modernos, se nos depararam acerca de cada uma das tribus aborigenes do Ceará.

Tentaremos tambem demarcar o territorio que ellas senhoreavam. Claro está, que tal delimitação nada tem de preciso porquanto das hordas que habitavam nossa terra apenas infima minoria tinha vida semi-sedentaria. As outras levavam existencia inteiramente nomade.

A transmigração de indios das regiões visinhas occorrida frequentes vezes durante o periodo colonial, vem tambem concorrer para difficultar a determinação das areas aqui occupadas pelos differentes grupos.

Ao enumerarmos as cabildas cearenses talvez erremos por vezes gravemente perpetuando varias denominações de u'a mesma tribu como sendo appellidos de tribus diversas (1). O caso não comporta, porém, solução possivel diante do total desapparecimento dos nossos aborigenes. Todavia, procuraremos não incidir no erro de muitos autores que citam alcunhas de maioraes e nomes de lugares como sendo cognomes de tribus.

No intuito de pôr um pouco de ordem nesse pandemonio que é a nomenclatura dos selvagens cearenses, mencionaremos apenas as nações cujos nomes apparecem nos documentos de provada authenticidade e um ou outro appellido dos que registam historiadores contemporaneos de renome.

Neste caso será citada a fonte informadora.

Observaremos o mesmo criterio quando se tratar de qualquer noticia plausivel cuja veracidade não tenhamos podido estabelecer devidamente.

Para não ampliar demasiado os limites deste escripto não cogitaremos aqui dos costumes, usanças e origem dos incolas, nem desceremos a minucias quando referirmos o papel que os missionarios catholicos desempenharam na sua catechese.

Em tratando da redueção dos gentios, limitar-nos-hemos a consignar, quando possivel, o nome do individuo que avassallou dada tribu, a data provavel em que o facto occorreu e o lugar onde ella foi aldeiada.

---

(1) Muitas tribus tinham, como é sabido, dois e mais nomes que por vezes sobreviveram concomitantemente. Um era a alcunha, não raro pejorativa, que lhe impunham visinhos ou inimigos e a outra o termo de que se serviam os membros do grupo para o designarem.

Das cinco nações apontadas no livro de Laet como sendo alliadas do cacique *Jandoim*, duas tinham nomes diversos em lingua tupi e em lingua cariry. Eram ellas os *Arykeumes* e os *Kereryjou* que, em cariry se chamavam respectivamente *Aciki* e *Ocioneciou*. Em certos casos tinham ellas mais o nome dado pelos colonos portuguezes, nome que chegou tambem até nós, proporcionando ao leitor dos documentos antigos a falsa impressão de uma pluralidade que de facto não existia.

* * *

No alto sertão do Cariry viviam tribus irrequietas cuja braveza indomita lhes propiciara a posse das mais ricas e opulentas terras da Capitania.

Ali erravam os indios **Carcuassú**, os **Carirys**, os **Calabaças**, da margem esquerda do Salgado, e os **Cariús** que occupavam as nascentes dos rios Cariús e Bastiões.

Em 1724 os **Cariús** se fizeram pareiaes dos Feitosas e guiados por um filho de Francisco Alves Feitosa praticaram, de parceria com os **Genipapos**, os mais revoltantes attentados contra a vida e a propriedade dos colonos amigos da familia Monte.

Aldeiados na chamada Missão do Miranda, depois Povoação dos Carirys novos, foram esses indigenas doutrinados por capuchinhos italianos incumbidos por fr. Carlos José, Prefeito das missões em Pernambuco, de pregar a fé catholica no interior do Ceará (2).

O capitão Bernardo Coelho, mandado ao alto sertão da Capitania em 1708, devia expulsar do Ceará os **Cariús** que se mostravam pouco dispostos a acceitar a dominação europea.

Os **Calabaças** demoravam nas terras marginaes do rio Salgado.

Diz Theberge que no inicio do seculo XVIII, os **Calabaças** se tornaram alliados dos Montes contra os Feitosas, tomando parte em numerosos encontros havidos entre os dois poderosos grupos rivaes.

Só com reservas acceitamos a affirmativa do douto historiador do Cariry, pois não encontramos referencia alguma aos **Calabaças** nos numerosos documentos que tivemos ensejo de consultar sobre a memoravel lucta sertaneja.

Esta tribu povoou a actual cidade do Crato(Barba Alardo).

A tribu dos **Carirys**, **Carirés** ou **Kiriris** habitava as quebradas do Araripe. Sustenta Theberge (3) e com elle Catunda (4) e João Brigido (5) que os **Carirys**, na epocha das bandeiras, se reuniram aos emissarios da celebre familia d'Avila, da Bahia, para dar caça e descer indios dos sertões cearenses.

---

(2) Eram elles fr. Carlos Maria de Ferrara, que os missionou até 1750, fr. Francisco de Palermo, que ahi esteve até 1762, e fr. Joaquim de Veneza, até 1764 (A. Bezerra).

(3) P. Theberge — "Esboço historico sobre a Provincia do Ceará" Parte 1.ª Ceará, 1870.

(4) J. Catunda — "Estudos de Historia do Ceará" — Fortaleza, 1886.

(5) João Brigido.

O facto em si nada tem de extraordinario visto como bem mais que o mosquete e o arcabuz do luso, concorreram para o exterminio dos primitivos brazis as mutuas inimizades e as luctas sem fim de horda contra horda. Contesta-o, todavia, Antonio Bezerra que prova a contento, em seu escripto intitulado "Algumas origens do Ceará", jamais terem vindo á nossa terra agentes d'aquella poderosa familia bahiana.

Os d'Avila aqui obtiveram sesmarias mas nunca tentaram colonizal-as.

Os **Carirys** foram pacificados, em 1700, pelo Pe. João de Mattos Serra e mais tarde convertidos ao catholicismo por frades Carmelitas que os aldeiaram nos lugares hoje denominados Barbalha, Crato, Missão Velha e Missão Nova (Theberge).

Missionou-os tambem o jesuita Pe. Jacob Cochleo.

Esses gentios deram grandes prejuizos aos colonos em 1703 e em 1706 quando unidos aos **Icós** se puzeram em rebeldia contra os brancos.

Os **Carirys** estavam no numero das tribus que, em 1708, deviam ser anniquiladas do Ceará pelas tropas do Capitão Bernardo Coelho.

Os indios **Carirys**, do Crato, foram, em 1780, transferidos pelo ouvidor Dias e Barros para as villas de indios que estavam situadas proximo da séde da Capitania. Eram já então pouco numerosos e facilmente se fundiram na população local.

*

Os **Icós**, indios de corso pertencentes á nação **Cariry**, assistiam na região qué vae das margens direitas dos rios Salgado e Jaguaribe até o rio do Peixe, na Parahyba (6).

Os mais antigos documentos em que ha menção dos **Icós**, do Ceará, datam de 1694. Referem que a vista das depredações feitas por esses gentios na zona do Jaguaribe o capitão mór Fernão Carrilho se viu forçado a organizar, sob a chefia de Francisco Carvalho, uma expedição para batel-os (7).

O resultado dessa campanha nos é desconhecido. Se a sorte das armas, foi, como parece, favoravel aos lusobrasileiros, tal victoria nada teve de definitivo, pois na epocha em que Moraes Navarro veio com seu terço de Paulistas para o Assú elles ainda estavam em pé de guerra.

---

(6) Pensa I. Joffily ("Notas sobre a Parahyba") que a tribú dos *Icós*, debaixo da denominação de *Curemas* ou *Piancós*, extendia seus dominios até o rio Piancó, na Parahyba.

(7) Ja muito anteriormente o mestre de Campo Domingos Jorge Velho batera os *Icós* que na Parahyba moviam á raça branca tenaz persecução.

Os **Icós** foram pacificados, em 1700, pelo Pe. João de Mattos Serra, prefeito das missões no interior da Capitania, ajudado pelo Capitão Placido de Azevedo Falcão, então cabo do presidio do Jaguaribe.

Muitos delles se aldeiaram no lugar da actual cidade de Souza.

O celebre jesuita Gabriel Malagrida, que foi queimado vivo nas fogueiras da Santa Inquisição portugueza, já então tornado tribunal civil pelo famigerado ministro de D. José I, doutrinou-os tambem.

Quando em 1703, se rebellaram os **Paiacús**, do Jaguaribe, levantaram-se tambem os **Icós**, já aldeiados, e seguidos pelos **Carirys**, mataram numerosos colonos, destruindo-lhes os haveres.

No anno seguinte a lucta entre reiniculas e indigenas sublevados continuava cada vez mais cruenta (8).

Contra os **Icós** enviou o capitão mór João da Motta, sob as ordens do Capitão Pedro Mendonça, uma tropa numerosa que os desbaratou completamente.

Contrastando com o modo de proceder de seu antecessor em relação aos **Paiacús** vencidos, determinou João da Motta que os prisioneiros, colhidos nessa expedição, fossem escravisados sem distincção de sexo, nem de idade.

O procedimento do capitão-mór, arbitrario diante da legislação então vigente que assegurava ao selvicola aldeiado o direito de cidadania, longe de merecer a repulsa que era de esperar por parte do Governador de Pernambuco, teve delle pleno assentimento. Em carta de 14 de Fevereiro de 1705, approvando o acto de seu subordinado, determinava aquella autoridade que o quinto de sua magestade — percentagem que cabia ao rei na venda de escravos indios — fosse vendido mesmo em Fortaleza por não "ser possivel poder-se de lá mandar vir sem que faça despeza a fazenda do dito senhor maior do que podem valer talvez os quintos".

Nesse interessante escripto, dizia mais o governador: "Cassim a gente que se vender dos quintos com os mais destas prezas e da passada todos os que pasarem de dez annos para sima mande Vmcê avisar as pesoas que os leuarão e leuarem para hirem pera fora da terra ou os mandem embarcar per sua

(8) Na Era de 1704, diz a patente de nomeação do sargento-mór João de Souza de Vasconcellos, marchou ao sertão dos Icós a situar uma fazenda de gados, e vendo que aquelle sertão estava combatido do inimigo que se achava naquella paragem, achou de acerto fazer uma casa forte que foi de grande utilidade para defesa dos moradores d'quelle sertão, gastando muito de sua fazenda com o resgate e dadivas para o sujeitar a paz; e na mesma era de 1704 soccorreu com tropas a 300 pessoas, que marchavam a guerrear o gentio barbaro.

conta e niso poderão ter major conveniencia ficando sô la; como digo, os que não passarem de des annos; porque de outra sorte tornarão logo a fugir pera o mato e não sesarão as queixas desses moradores pellos roubos que lhes fazem pois indo elles com o conhecimento da nossa terra são mais capazes para os seus desaforos; nesta forma o fara Vmcê executar com a promptidão que de Vmcê espero" (9).

A severidade da medida não entibiou, porém, o animo dos selvicolas e a guerra se prolongou ainda por largo tempo devastando os sertões da Capitania.

Em 1706 aos **Icós** se vieram juntar novamente os **Carirys** o que aggravou mais ainda a precaria situação dos colonos.

De 18 de Agosto de 1706 data uma C. R. mandando fornecer aos habitantes da Capitania do Ceará as armas que fossem necessarias ás suas defesas.

Medida tambem inocua porquanto no anno seguinte, a 23 de Junho de 1707, os moradores da ribeira do Jaguaribe pediram, por intermedio do senado da Camara de S. José de Ribamar, ao Cap. mór do Ceará que em vista dos damnos causados ás suas pessôas e bens pelos **Icós** e **Carirys** mandasse situar um arraial em suas terras.

Em carta de 27 de Junho de 1708, o Capitão-mór Gabriel da Silva Lago, dando conta ao rei do estado da Capitania diz que naquella epocha se conseguira apaziguar e reduzir á obediencia a tribu dos **Icós** (10).

Sabemos, porém, por outro documento que o proprio Gabriel da Silva Lago, em 20 de Outubro de 1708, deu regimento ao capitão Bernardo Coelho de Andrade para ir fazer a guerra contra as nações **Icó**, **Cariri**, **Cariú** e **Caratiu**, até destruil-as, visto acharem-se aquelles indios comprehendidos em culpas graves na devassa, a que mandara proceder pelo juiz ordinario da Capitania.

Os captivos deviam ser trazidos á sua presença para tirar-se o quinto de sua magestade, a joia do Governador de Pernambuco, a delle capitão-mór e repartir os mais com igualdade (Rodolpho Garcia).

Os mais recentes dados officiaes sobre os **Icós** nos informam que elles foram expulsos em 1726 para o Piauhy por terem tomado parte activa na lucta dos Montes e Feitosas.

---

(9) Rezisto de hu capitulo de huma carta do governador e capitão geral de Pernambuco Francisco de Castro Morais, vinda ao Capitão major desta Capitania João Mota em catorze de Fevereiro de 1705. Doc. publicado por J. P. de Oliveira na R. do Inst. do Ceará, vol. IV — 1890.

(10) Carta regia ao Governador de Pernambuco a 6 de junho de 1709.

*

O sertão dos Inhamuns era habitado pelos **Jucás**, tribu audaz e bellicosa cujo nome apparece pela primeira vez na chronica cearense ligado á historia dos Montes e dos Feitosas. Partidarios dos Feitosas, lhes prestaram os **Jucás** continuada assistencia na terrivel contenda que enluctou o Ceará Colonial e que em fogo e sangue poz as ribeiras do Quixelô e Inhamuns.

Em 1727 agruparam-se elles sob a direcção de um missionario nas margens do Jaguaribe constituindo uma grande aldeia que veio a ser mais tarde a cidade de Arneiroz.

Outros indios dessa nação foram constituir, com os **Quixelôs**, **Candandú**, a missão da Telha (Theberge).

No anno de 1743 os indios **Jucás**, residentes na Telha, por instigação dos Feitosas, abandonaram a sua missão com mulheres e filhos retomando a vida erradia e vagabunda.

"O capitão-general de Pernambuco avisado deste acontecimento mandou ordem de se tirar devassa para entrar no conhecimento de quem havia promovido esta fugida, e de obrigal-os com força, se fosse necessario, a voltar; mas d'ella nada resultou, ficando a missão quasi despovoada; e seus moradores entregaram-se por tal forma ao furto de gado que as queixas incessantes dos criadores motivaram uma ordem Regia com data de 20 de Dezembro de 1746 mandando "que para prevenir semelhantes furtos se inquirisse por elles nas devassas de Janeiro de cada anno" (Theberge).

Com a expulsão dos padres da Companhia de Jesus, e em virtude dos regulamentos Pombalinos, foram os **Jucás** retirados de Arneiroz, por volta de 1761, e mandados aggregar aos **Cariry**s e **Cariús** que habitavam a aldeia do Brejo, antiga missão do Miranda.

Essa povoação foi creada villa, em 21 de Junho de 1764 com o nome de villa Real do Crato.

Pouco tempo permaneceram os **Jucás** no aldeiamento que lhes fôra designado. Movidos por natural tendencia para a vida nomade, quasi todos fugiram para as mattas onde passaram a viver em completo estado de barbaria.

Só dois annos mais tarde conseguiu o Coronel Manoel F. Ferro, por determinação do então governador do Ceará José Victoriano Borges da Fonseca, reconduzil-os por meios brandos e suasorios á sua antiga missão.

Os **Jucás** volvidos novamente a Arneiroz em nada modificaram a existencia de rapinas e violencias que d'antes levavam. Viviam furtando gado e assaltando os moradores dos arredores.

Esses crimes incessantemente renovados attrahiram sobre elles a odiosidade dos Feitosas que assentaram livrar-se de seus antigos alliados.

Cada roubo praticado pelos indios era seguido do assassinato de alguns de sua raça.

Informado disso o Governador de Pernambuco D. José Cesar de Menezes, ordenou ao Ouvidor Geral do Ceará José da Costa Dias e Barros que retirasse os indios da povoação de Arneiroz afim de leval-os para uma das villas de indios situadas junto á Capital. Essa ordem foi executada em 1780 (Theberge).

Barba Alardo de Menezes diz que a villa de S. João do Principe, hoje cidade de Tauhá, teve em tempos o nome de Inhamuns por ser habitada pelos gentios **Jucás.**

*

Os **Paiacús** (11) ou **Pacajús** dominavam a região comprehendida entre o rio Assú, Serra do Apody e baixo Jaguaribe. Em suas expedições de guerra e de saque, para o lado do poente, chegavam até perto de Fortaleza de N. S. d'Assumpção, onde vinham acommetter os selvicolas mansos, que ahi residiam á sombra da protecção dos Lusitanos.

No inicio da colonisação do Ceará, elles receberam bem os primeiros aventureiros portuguezes a quem se alliaram, contra os indios do littoral. Foram, no entanto, muitos delles traiçoeiramente escravisados pelos brancos e remettidos para Pernambuco com os prisioneiros de guerra colhidos na Ibiapaba e os outros tapuias que os reinicolas haviam resgatado durante a travessia.

Dahi em diante, como justa vindicta, trouxeram sempre em sobresalto os conquistadores, sem, todavia, lhes declarar guerra aberta (12). Aleivosos ao extremo, assassinavam e roubavam os incautos que se aventuravam atravessar-lhes as terras, mas iam todos os annos, levando o mulherio, aposentar-se junto ao forte, assistindo nas aldeias dos indios mansos durante me-

(11) Na carta patente de nomeação de João Tavares de Almeida para capitão mór do Ceará, deparou-se-nos a variante *Baiquis*, e *Baquaes*, noutro documento datado de seis de Maio de 1679 em que d. Joanna de Mendonça, pede satisfação dos serviços do seu marido João Tavares de Almeida. Vimos escripto *Pajacús* na petição de Aragiba e *Paacús* numa certidão passada, a 2 de Outubro de 1699, por Balthazar Antunes de Aguiar. Em sua memoria Pedro Carrilho os denomina de *Piacús*.

(12) Veja-se "o Traslado do Regimento para o Ajudante Felippe Coelho de Moraes, dado por João de Mello Gusmão, em 1666.

zes seguidos (13). Tornam-se, assim, um obstaculo serio ao facil commercio entre o Ceará e as Capitanias visinhas, e, o que é mais grave, um estorvo constante ao povoamento da ribeira do Jaguaribe.

A primeira rebellião declarada dos **Paiacús** data de 1666.

Rompendo em franca hostilidade contra os portuguezes, vieram, com grandes forças, atacar a missão de Porangaba animados de evidente intensão de destruil-a. Se não levaram a effeito seu designio foi porque os principaes desta aldeia, aterrorizados diante do perigo, soccorreram-se do Capitão-mór João de Mello Gusmão, governador da Capitania do Ceará, pedindo que os defendesse e ajudasse a tirar vingança dos maleficios que taes inimigos lhes vinham, de ha muito, causando (14).

O Capitão-mór accedeu ao pedido de seus alliados e "por satisfazer com o serviço de Deus e de sua Magestade e para a conservação propria e reputação das armas portuguezas", ordenou ao ajudante Phelippe Coelho de Moraes, cabo da guarnição da fortaleza, que, com trinta soldados e os indios mansos das aldeias avassaladas, fosse punir os **Paiacús** que se achavam no sitio Précabura (15).

Devia mais o ajudante Coelho Moraes, como medida de prevenção, matar a todos os tapuias que fossem surprehendidos com armas nas mãos.

De nada valeram as medidas violentas determinadas pelo Capitão-mór. Frustado o primeiro assalto contra Porangaba, algum tempo depois recomeçaram os turbulentos incolas a hos-

---

(13) Pedro Carrilho de Andrade cita, para demonstrar a má fé dos *Paiacús* cearenses, os seguintes factos:

"De pax ou Com esse pretesto Estavão os gentios pyacus, Em yaguoarybe quando aleyvozamente matarão, Roubarão E despoyarão A des, ou doze homens que hião a pouar aquellas terras E se fyarão delles, Como amiguos, mas elles não tem fee nem llyaldade.

De pax Estavão os mesmos pyacus, quando mataram ahu Religiozo aleyvozamente no Caminho, do Apody hindo de viagem do asú, p.ª yaguaribe E o Roubarão. Eluijo se a saber o Cazo por lhe ACharem Em suas sacriligas mãos hu Calis E outras vistimentas sagrada E Contra Elles ha devassas nem justisa.

Em outra oCazião, matarão, ahu moso que hya de viagem do asupª onde chamão, as piranhas, E o Roubarão que pellos uestidos que se acharão Em suas mãos seucyo asaber, deyxando outros, mtus que tem, aleyvozamente".

(14) A historia registra entre outros attentados praticados nessa época pelos *Paiacús*, o cruel trucidamento de 7 indios de Porangaba que vinham, em 1665, do Rio Grande do Norte em demanda á sua aldeia e o assassinio, occorrido tempo depois, dos mensageires que o Padre [illegible] Pedro Francisco mandara á visinha Capitania do Rio Grande.

(15) Regimento que a de guardar o ajudante Phelipi Coelho de Moraes na gerra que vay dar aos *Paiacús*. R. I. do Ceará. Tomo IV—Anno de 1890.

tilizar os brancos e os indios mansos, tornando, assim, cada vez menos seguro o caminho para Pernambuco, que então se fazia pela marinha.

Em Agosto de 1671 declarou-se novamente guerra contra os **Paiacús.** Jorge Correia da Silva, então Capitão-mór do Ceará, cedendo ás solicitações dos **Jaguaribáras** e dos principaes da aldeia de Porangaba, que viviam constantemente ameaçados pelos **Paiacús,** decide exterminal-os para completo restabelecimento da paz na Capitania.

E' a seguinte a petição feita pelos indios ao Capitão-mór:

"Dizem os principais da aldeia de parangaba João Algodão E francisco Aragiba e os principais dos juguribaras Cachoe E maxuare e os mais que se não nomeão qu elles Representão a Vme. Em seu nome E de seus filhos as queyxas quo tem dos Bayacús A coal nação lhe tem feito grande dano em seus filhos E mulheres tirando-lhes a vida E juntamente Empedindo lhes a pasagis desta Capitania A de pernambuco. Outro sim o Sr. capitão maior João Tavares de Almeida lhe fez gerras payacús per ser justa conformados com os votos dos Reds. padres da Companhia E por coanto queremos viver seguros e quietos Em nosas Aldeias sem cuidados de nos virem matar a nosas casas E terras pedimos a Vmc. senhor Capitão-mór nos de infanteria para que com elles todos onidos E conformes destruirmos esta nação de payacus no que se fara hum grande serviço a Deos E a sua Alt. R. mere. João -|- Algodão, francisco -|- Aragiba Ca-|-co E ma-|-xure.

Desse texto se collige que tambem o capitão João Tavares de Almeida, antecessor de Jorge Correia, tivera de luctar com os **Paiacús,** quando pela primeira vez serviu no Ceará.

Esse facto é igualmente assignalado na carta patente de 2 de Outubro de 1763, nomeando o dito João Tavares de Almeida para capitão-mór do Ceará, por tres annos.

A terrivel missão de anniquilar os gentios coube ao ajudante Francisco Martins, cabo da infantaria da guarnição da fortaleza, que marchou para a zona do Jaguaribe acompanhado de 30 soldados do presidio e 500 guerreiros tirados das aldeias situadas proxima da futura capital do Estado. Da tropa fazia parte o ajudante Phelippe Coelho de Moraes, que tanto se destinguira nas campanhas de 1666, contra os mesmos selvagens e cujos conselhos, dizia o regimento, Francisco Martins devia seguir "porque elle além de soldado de valor tinha experiencia destas nações" (16).

---

(16) Regimento que ha de segir o ajudante cabo de Enfantaria desta praça Francisco Martins na gerra que vay a dar A nação dos *Baaqúus.* R. I. do Ceará. Tomo II, Anno de 1888.

Bem se houve o chefe da nova expedição no desempenho da ardua incumbencia que lhe fôra confiada. A caravana atravessou celere a caatinga, bateu os indios e regressou trazendo numerosos prisioneiros de todas as idades que foram escravisados.

A victoria das forças expedicionarias e os resultados por ellas colhidos na lucta contra os indigenas não satisfizeram, porém, a Jorge Correia. Temendo, com justa razão, que os **Paiacús**, escapos ao massacre, se reunissem novamente e, alliados a outras tribus tapuias, viessem tomar desforra, atacando os indios que residiam nas immediações da fortaleza, fez seguir, em 20 de Novembro de 1671, o sargento reformado Jorge Martins com dez homens e uma peça de campanha para a aldeia de Porangaba afim de prevenir qualquer surpresa e "onde vindo os referidos inimigos os destruisse de sorte que ficassem todos livres delles" (17).

Tal ordem, todavia, resultou de todo inutil. Os **Paiacús**, sentindo-se já muito enfraquecidos pelas perdas soffridas, não ousaram reagir, mandando, a 7 de Janeiro de 1672, uma embaixada pedir pazes ao Capitão-mór, que os attendeu.

O tratado de amizade entre Jorge Correia e os indios vencidos, foi ractificado em 8 de Fevereiro do mesmo anno.

Elles não permaneceram, comtudo, inactivos por muito tempo. Seu animo aventureiro e irriquieto não lhes permittia prolongada quietude.

Rebentando no Rio Grande do Norte, em 1686, a revolta dos **Jandoins** a ella adheriram immediatamente. Essa rebellião, conhecida com o nome de Confederação dos **Cariry**s, porque nella tomou parte grande numero de tribus tapuias do Nordeste, durou annos com alternativas de successos e revezes para as armas portuguezas.

No governo do Capitão-mór Luiz da Fonseca (1688) foi ao encontro dos **Paiacús** Francisco Dias Carvalho, á frente de setecentos homens, batendo-os facilmente.

Na lucta, segundo informações colhidas em documentos da época, foi o commandante da expedição varias vezes ferido, mas os indigenas perderam grande quantidade de arcos, ficando privados da liberdade suas mulheres e seus filhos (18).

Não obstante a victoria obtida por Dias Carvalho o es-

---

(17) Regimento dalo a Jorge Martins em 20 de Novembro de 1671. Revista do Instituto do Ceará—Tomo IV—Anno de 1890.

(18) Conforme consta dos numerosos papeis que fez publicar na Revista Trimensal do Instituto do Ceará, o snr. João Perdigão de Oliveira, documentos de que nos servimos tão largamente, a guerra contra os *Paiacús* só foi ordenada depois que um conselho, composto das mais altas autoridades da Capitania, a julgou justa e acertada.

tado de cousas permanecia inalteravel. Os indios continuavam senhores da situação.

Em 1688 os moradores do Ceará se dirigiram ao Governador da Bahia, Mathias da Cunha, pedindo providencias contra a ferocidade dos selvicolas.

Igual solicitação fizeram os colonos do Rio Grande do Norte, em cujas terras a revolta campeava.

Accordando com o parecer da junta de lettrados, deliberou o Governador Geral reunir as ordenanças de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte afim de dar combate ás tribus sublevadas.

Fracassado este expediente, houve recurso aos Paulistas. Requisitou-os o arcebispo frei Manoel da Resurreição (que succedera a Mathias da Cunha a 24 de Outubro de 1688 no Governo do Estado do Brasil) por carta de 30 de Agosto de 1689, dirigida a Thomaz de Oliveira, capitão-mór governador da Capitania de São Vicente e São Paulo.

Escolhido para chefiar a expedição o Mestre de Campo Mathias Cardoso, a quem o sobredito governador geral constituiu governador absoluto da guerra contra os barbaros, formou elle seu terço pondo-se em marcha no mesmo anno. Após longa caminhada e uma demora de varios mezes no São Francisco, chegou ao Rio Grande do Norte, dando principio á campanha.

No anno seguinte Mathias Cardoso destacou forças, sob as ordens de João Amaro Maciel Parente, para continuar a guerra no Jaguaribe.

O arraial ou acampamento dos Paulistas de João Amaro foi, diz o autor da Genealogia Paulista, mesmo na barra do Jaguaribe. No Aracaty, provavelmente.

A despeito porém, da intervenção dos Paulistas a rebellião dos **Paiacús** continuou.

Em 26 de Maio de 1691 o capitão-mór Thomaz Cabral de Olival, em desespero de causa, publica um bando convidando o povo a munir-se de armas e marchar até o sertão a guerrear o gentio rebellado.

Essa medida não surtiu tambem o desejado effeito, pois, em 1693, estavam elles a assolar novamente as ribeiras do Assú, Jaguaribe e Banabuyú.

Batidos por Fernão Carrilho, que vindo neste anno substituir Thomaz Cabral de Olival obtivera do Governador Caetano de Mello de Castro permissão para perseguil-os, propuzeram os **Paiacús**, pouco depois, submetter-se aos portuguezes.

Annuiu Fernão Carrilho ao pedido dos selvicolas, mas impoz-lhes, como castigo de sua longa vida de rapinagem, a obrigação de irem combater os **Icós** e **Carateús**, que se achavam em pé de guerra.

Tal obrigação foi acceita, ao que parece, pelos vencidos, porquanto, documentos posteriores nos informam que, de volta das operações contra aquelles gentios, trouxeram os **Paiacús** numerosos captivos com que resgataram filhos e parentes cahidos em poder dos colonizadores.

No anno seguinte (1694), alliados aos **Icós** e **Jandoins** mais uma vez se levantaram os **Paiacús.**

A sedição de 1694 foi ainda mais grave do que as anteriores, pois os incolas quasi anniquilaram de vez os moradores das terras marginaes dos rios Jaguaribe e Banabuyú.

Resolvido a pôr fim aos constantes attentados á vida e á propriedade dos colonos, despachou Fernão Carrilho contra elles, em Junho de 1694, uma companhia de infantaria sob o commando do soldado Francisco Dias Carvalho, provido no posto de Capitão (19).

O resultado da campanha só podia ser, como foi, desfavoravel ao nativo. Muitos cahiram prisioneiros e foram vendidos. Os restantes se dispersaram para voltar ao systema de guerrilhas (20).

Tão tormentoso correu para os portuguezes o periodo de 1694 a 1695 que, doze annos depois, delle ainda fallava com terror o desembargador Christovam Soares Reimão em carta dirigida ao juiz ordinario de Aquiraz José de Lemos (21).

Aproveitando um curto interregno em 1696, resolveu o capitão general de Pernambuco Caetano de Mello de Castro

---

(19) Dias Carvalho, o vencedor dos *Paiacús,* foi uma figura notavel na historia das luctas contra os selvicolas do Ceará. Pertencia á Companhia do Capitão Antonio da Silva, do terço do mestre de Campo Zenobio Achioli de Vasconcellos quando veio para a Guarnição de Fortaleza e aqui serviu durante 23 annos.

Tomou parte na primeira expedição mandada contra os *Irarius* por Bento Corrêa de Figueiredo. Nessa guerra, que tão caro custou aos gentios, recebeu Dias Carvalho alguns ferimentos.

A seguir, commandou, em 1688, 700 homens na lucta contra os *Jandoins* e os *Paiacús,* da ribeira do Jaguaribe. Fez nelles graves damnos e captivou numerosas mulheres e creanças.

No governo do Capitão-mór Thomás Cabral de Olival, escoltado apenas por 12 homens e 30 indios mansos, conduziu á serra da Ibiapaba o Padre Pedro Barbosa de Pedroso, missionario jesuita.

Mais tarde, em companhia do cabo Manoel de Carvalho Fialho, partiu, a frente de 400 indios, soccorrer os moradores da ribeira do Iguape contra as ameaças dos nativos revoltados. Nessa expedição, como aliás em todas as outras se houve sempre com notavel valor e prudencia digna de elogios (Registo da patente do Capitão de enfantaria em que foi provido Francisco Dias Carvalho. Publicado por J. B. Perdigão de Oliveira na R. do Instituto do Ceará. Tomo IV, anno de 1890.

(20) Uma carta Regia de 12 de Dezembro de 1695 a Caetano de Mello de Castro refere-se á venda de indios capturados por Francisco Dias (B. de Studart).

(21) A este documento teremos de nos referir mais adiante.

mandar levantar na zona conflagrada um presidio destinado a manter em respeito os selvicolas e a servir de refugio aos moradores em caso de ataque.

Para cumprir a ordem do governador, partiu de fortaleza de N. S. d'Assumpção, no dia 25 de Março de 1696, o capitão-mór Pedro Lelou com 50 soldados e numerosos indios.

O commando da praça recemcreada foi confiado ao alcaide João da Motta.

Após 30 annos de luctas cruentas foram, finalmente, aldeiados os **Paiacús**, em 1696, perto do Aracaty, no logar chamado Araré, pelo Pe. João da Costa, sendo, nesse trabalho, efficazmente ajudado pelo Cel. João de Barros Braga, o futuro capitão da cavallaria da ordenança da Ribeira do Jaguaribe e donatario da 1.ª data de sesmaria no Palhano.

Pacificados os **Paiacús** do Ceará, levaram por diante a lucta os do Rio Grande do Norte até o anno 1699, quando solicitaram pazes ao Mestre de Campo Manoel Alves de Moraes Navarro, commandante da expedição dos Paulistas que se seguiu a de Mathias Cardoso no Nordeste. Navarro ordenou então que elles fossem com os tapuias do rancho de **Genipabuassú**, residentes no Ceará, a dar combate aos **Icós**, que não cessavam de hostilizar os brancos.

Como occorrera no tempo de Fernão Carrilho, os **Paiacús** foram bem succedidos na lucta contra seus irmãos de sangue.

Por motivos ainda não perfeitamente esclarecidos malquista-se, entretanto, o Mestre de Campo com os indios **Paiacús** do Ceará.

Sob o pretexto de fazer nova guerra aos **Icós** e **Carateús**, penetrou Moraes Navarro na Ribeira do Jaguaribe, acompanhado de cento e trinta infantes e duzentos e tantos **Jandoins**. Chegando á aldeia da Madre de Deus, mandou convidar os **Paiacús** a virem com suas mulheres e seus filhos se incorporar ao troço, promettendo-lhes ricos despojos.

Attrahidos pela perspectiva de lucros e fascinados talvez pelo desejo de novas façanhas bellicas os incolas accorreram confiadamente ao chamado do chefe paulista, iniciando, desde logo, conforme era uzança, suas extranhas dansas guerreiras.

Moraes Navarro, quando os viu assim descuidados e sem armas, atacou-os de imprevisto e, ajudado pelos **Jandoins** dezimou-os quasi completamente. Dos 700 homens, que constituiam o rancho do Principal **Genipabuassú**, apenas escaparam com vida duzentos e poucos que foram conduzidos para o arraial do **Assú**, centro das operações do terço.

A matança dos **Paiacús** teve logar a 4 de Agosto de 1699.

Contra tamanha deshumanidade protestou o padre João da Costa, que então missionava os gentios do rancho de Mathias Pecca, outro maioral dessa nação, não só perante o governador de Pernambuco, como tambem perante seu superior hierarchico o Bispo Frei d. Francisco de Lima.

O Bispo fez redigir uma Pastoral ameaçando de excommunhão o Mestre de Campo e mais officiaes e soldados de seu terço se dentro de seis dias, a contar da data da sua publicação, não restituissem á liberdade os captivos. Fez mais ainda. Em carta datada de Junho de 1700, deu conta ao Rei do terrivel morticinio, dizendo que não tinham sido respeitados nem os indios mansos e missionados.

Da sentença do Bispo appellou, todavia, Moraes Navarro, resultando dahi um longo processo, cuja victoria final coube á Igreja, sendo o Mestre de Campo preso e remettido para Pernambuco.

Em 15 de Dezembro de 1700 uma carta regia ao ouvidor da Parahyba mandava dar liberdade aos **Paiacús** capturados no anno anterior e fazel-os regressar ás suas aldeias.

O morticinio desnecessario e atrós praticado por Moraes Navarro não ficou esquecido e cedo delle se desaggravaram os indigenas em successivas revoltas.

Assim, em 1703 amotinaram-se novamente os **Paiacús** aldeiados na Ribeira do Jaguaribe, matando os colonos, roubando e destruindo os seus rebanhos.

Os moradores queixaram-se do facto ao capitão-mór Jorge de Barros Leite, pedindo que os amparasse e defendesse, castigando severamente aos gentios sublevados.

O capitão-mór talvez desejasse vir em auxilio de seus governados acabando de vez com os rebeldes aborigenes que, no dizer dos portuguezes, tão infensos se mostravam aos beneficios da civilisação.

Disposições cathegoricas da corôa impediram-no, porém, de assim agir.

Os **Paiacús** culpados eram christãos, residiam em aldeias e como tal gosavam das considerações devidas aos vassalos de sua magestade catholica.

Limitou-se por isso o Capitão a mandar que contra os accusados procedesse o juiz ordinario Simplicio de Moura Velho tirando devassa e tomando conhecimento dos delictos a elles imputados.

Tendo o inquerito apurado a culpabilidade dos indios, foi então expedido o competente mandado de captura.

Não morrera, entretanto, na memoria dos selvicolas, repetimos, a lembrança das crueldades praticadas contra os de sua raça pelos brancos e seus alliados.

Desesperados e temendo represalias crueis resistiram heroicamente á prisão que lhes foi imposta. Travada a lucta, muitos nella succumbiram, sendo os rapazes da tribu captivados pelos **Jaguaribaras** e caboclos da escolta do Juiz. A isso se oppoz, porém, tenazmente o Capitão-mór que determinou fossem os jovens selvicolas restituidos ás suas aldeias, uma vez que **não tinham culpa dos delictos que seus paes praticaram.**

Tudo resultou inutil. Apezar das ordens os **Paiacús** permaneciam sequestrados. Só o energico edital de 30 de Junho de 1703, assignado pelo governador, ameaçando de prisão na fortaleza e da multa de 30$000 a quem tivesse em seu poder indios **Paiacús**, poz termo áquelle doloroso estado de cousas.

As providencias do Capitão-mór não pareceram, todavia, acertadas aos moradores do Jaguaribe, nem capazes de os pôr ao abrigo de novos attentados.

Em Fevereiro de 1704, a camara representava directamente ao Rei de Portugal, sobre os successos occorridos na Capitania, verberando sobremodo a acção de Jorge de Barros.

"Os indios haviam, diz a representação, furtado gado, ferido ou morto com horrendas crueldades muitos moradores da villa, queimando alguns vivos, retirando-se os mais para esta fortaleza de (N. S. da Assumpção) onde estiveram doze annos, e aquelles barbaros em cruel guerra, pondo esta Capitania em cerco e embarassando o caminho de Pernambuco, fazendo-se para remedio destes males uma paz desconveniente, pois que debaixo de paz continuavam os barbaros suas hostilidades; para evitar as quaes fez-se naquella ribeira uma fortaleza á custa dos moradores... áqual já foi invadida pelos indios duas vezes"

A camara terminava seu memorial pedindo como medida de prevenção que esses tapuias fossem exterminados. Confessava ella que os indigenas eram missionados por padres da Companhia de Jesus, mas dizia-os tão barbaros e tão remissos que de nada lhes valia a assistencia religiosa.

Se bem que pairassem sobre suas cabeças tão graves ameaças não cessaram as correrias e as depredações praticadas pelos **Paiacús.**

De dez de Março de 1707, data uma carta, escripta pelo ouvidor Christovam Soares ao juiz ordinario de Aquiraz José de Lemos, dizendo que não convinha proseguir na devassa, que elle abrira "contra os **Paiacús** por furto de gados porque: se ella continuasse daria occasião a que El-Rei e seus vassallos perdessem tanto ou mais fazenda, como foi na guerra passada ha doze annos, além das mortes que hão de fazer, ainda quando o **Icó** e **Cariri** estão já reunidos com **Janduim**, e se naquella guerra despejaram o Jaguaribe, hoje despejarão os do Ceará".

As surdas hostilidades reinantes entre moradores e indios

do Jaguaribe só cessaram em 1710, quando Antonio de Souza Marinho, filho de Martins Palha, vindo com a sua companhia de presidio para a fortaleza do Ceará, conseguiu po-los de accordo.

Essa harmonia durou pouco tempo.

Exasperados contra os Portuguezes em consequencias das perseguições de que eram alvo e da brutalidade com que procuravam lançal-os fóra de suas terras, os **Paiacús** sublevaram-se em 1713 e, unidos aos **Anassés, Jaguaribáras** e outros descontentes, atacaram a villa de Aquiraz ahi levando a destruição e a morte.

Mais de duzentas pessoas pereceram na peleja e o resto da população da redondeza teve de se refugiar na fortaleza de N. S. da Assumpção, a conselho do Capitão-mór Francisco Duarte de Vasconcellos.

Logo após o assalto, os confederados eram batidos junto do Rio Choró pelas forças de João de Barros Braga, depois de um dia inteiro de lucta.

A 4 de Novembro daquelle mesmo anno, a Camara de Aquiraz informava ao governador de Pernambuco de que a tropa mandada em perseguição dos **Paiacús**, por não poder progredir, em vista das muitas doenças, regressara sem ter conseguido destruir o tapuia matando-lhes, apenas 28 pessôas; em duas occasiões em que encontraram; que o mesmo era perseguido por uma tropa de gente do Jaguaribe, com alguns indios domesticos daquella ribeira (22).

Dias depois, ainda em Novembro, era publicado um bando do governador de Pernambuco, auctorizando ao Capitão-mór do Ceará, em nome de sua magestade, a perdoar os indios da culpa em que estivessem, contanto que se submetessem dentro de 24 horas..."

Parte desses selvicolas foi missionada no logar denominado Aldeia dos **Paiacús**, sita nas margens do Rio Choró, onde tiveram uma legua de terra que lhes foi demarcada, em 1707. pelo desembargador Soares Reimão.

Essa aldeia, depois chamada povoação de Monte-mór, o Velho, é hoje conhecida pelo nome de villa de Guarany.

Os regulamentos pombalinos, que tantos males trouxeram aos indigenas cearenses, acarretaram a transferencia dos **Paiacús** de Monte-mór para a villa de Porto-Alegre, no Rio Grande do Norte.

Refere o Barão de Studart que em fins de Dezembro de 1762 chegava a Monte-mór o director da villa de Porto-Alegre, Tenente Coronel José Góes da Silveira, com uma pre-

(22) Rodolpho Garcia "Ethnographia indigena" Rio 1922.

catoria assignada por Miguel Caldeira e em virtude della conduziu comsigo indios e tudo que lhes pertencia e á Igreja do logar.

A época da mudança fôra, porém, mal escolhida pois reinava o verão em todo seu rigor. O tempo era quente e tudo faltava, desde a agua até o pasto para as alimarias.

Disso resultou morrerem muitos selvicolas durante a travessia e se perder tambem a maior parte do gado. O coração cubiçoso de José da Silva não se condoeu com essa mortandade e o exodo continuou.

Chegados que foram ao Rio Grande em nada se modificou a situação angustiosa em que se encontravam. As enfermidades e a fome antes recrudesceram, dizimando-os. Como era de esperar, declarou-se o panico entre elles. Quasi todos abandonaram a villa indo alguns dos fugitivos para sua antiga missão emquanto outros se refugiavam nas caatingas.

As antigas terras dos **Paiacús** muito ferteis e aprazíveis passaram ás mãos do Coronel João Dantas Ribeiro.

Segundo a opinião de Victoriano Borges da Fonseca, que governou o Ceará de 1765 a 1781, a transferencia dos **Paiacús** foi feita apenas para attender interesses subalternos de terceiros. Tratando do assumpto, em carta datada de Novembro de 1766, assim se expressa elle: "Hé cumúa opinião de q o desejo das terras foi quem moveu a intriga q occasionou a mudança dos Indios **Paiacús** e extinção do lugar que si lhe avia criado, sendo q na realidade o Coronel João de Antas Ribr.° só se aproveitou da ocasião e q quem moveu esta mudança foi o abuso q fez o Ten. Coronel José Gloz da S.ª da sinceridade do juis de fóra Miguel Carlos Caldr.ª, valendo-se do dez.° q lhe reconheceu de querer fazer vilas populosas pa. atraiar a sua de Porto-Alegre, q fôra a primeira das q criou este Ministro, os gados e ornamentos da Igreja dos **Paiacús** q ao longe fazião grande vulto".

Os poucos **Paiacús** que ainda restavam em Porto-Alegre dahi regressaram em Março de 1767, por ordem do Conde de Villa-Flôr, governador de Pernambuco, a occupar sua antiga missão (João Brigido e Araripe).

Os indios dessa nação, que, em 1765, andavam errantes e despersos pelas margens do Rio Choró, foram mandados aldeiar na villa de Monte-mór, o Novo, conforme determinação expressa do governador Borges da Fonseca.

Por volta de 1818 residiam ainda em Monte-mór, o novo d'America, actual Baturité, indios **Paiacús** de raça pura.

Não estava, porém, terminada para os gentios de Guarany sua vida de perigrinações e soffrimentos. No anno de

1825 fôram quasi todos elles puxados para Mecejana afim de se incorporarem aos indios dessa villa, ficando suas terras em abandono.

*

Nas divisas da Parahyba com o Ceará, mais naquelle Estado do que neste, estavam ainda os **Icosinhos**, horda que se deve, segundo toda evidencia, filiar á tribu tapuia dos **Icós**, de que já fallamos.

Esses indios foram aldeiados em Souza na Parahyba.

*

Proximo do littoral, na ampla extensão de terras que vae da margem esquerda do Jaguaribe ao rio Mundahú e serra do Baturité viviam os indios **Jaguaribaras**, que foram localisados por Fernão Carrilho a sete leguas ao sul do fortim de N. S. d'Assumpção.

Os **Jaguáribaras** facilmente se accommodaram com os Portuguezes, assistindo-os sempre nas luctas contra os outros selvagens com relativa lealdade.

Fizeram parte de quasi todas as tropas enviadas para bater os **Paiacús**, entre 1666 e 1671, servindo ora sob as ordens de Phelippe Coelho de Moraes, ora sob o mando de Jorge Martins. Annos antes, no governo do Capitão-mór Martim Soares Moreno elles tinham auxiliado efficazmente a gente do fortim de S. Sebastião contra os ataques reiterados daquelle gentio.

Mais tarde, já em 1703, compuzeram esses indios a escolta do juiz ordinario Simplicio de Moura Velho que foi ao Jaguaribe afim de prender os **Paiacús** sublevados.

Era, ao que parece, uma nação temida e respeitada até pelos proprios colonizadores que, como mostram as chronicas, sempre procuraram captar-lhe as bôas graças, não ousando nunca enfrental-a com armas nas mãos.

Assim no governo de Diogo Coelho de Albuquerque, quando pela primeira vez os **Jaguaribaras** se puzeram em pé de guerra, foi por meios brandos que o Capitão-mór os trouxe á razão.

O mesmo facto repetiu-se em 1674, depois da expedição que subjugou os **Paiacús**. Tendo os **Jaguaribaras** sonegado as presas feitas na guerra e se recusado a pagar o quinto de S. M., allegando que não conheciam Rei, o Capitão-mór do Ceará Jorge Corrêa da Silva ao invés de forçal-os pelas armas a cumprir a lei preferiu contemporizar, deixando-os em paz.

Justificando mais tarde sua tibieza, disse Jorge Corrêa da Silva (23) que não ousou atacal-os porque dispunha de pouca tropa e receiar que esta nação, **que é muito poderosa**, em represalia se retirasse da Capitania, fazendo depredações.

Não conseguimos apurar em que epocha foram os **Jaguaribaras** missionados. Sabemos, porém, pela carta de Pedro Lelou, dirigida ao Rei em 20 de Agosto de 1696, que naquelle anno elles estavam já aldeiados e alguns baptisados (24).

O Pe. João Leite de Aguiar foi um dos seus missionarios (25).

Os **Jaguaribaras** muito cooperarão na rebellião de 1713 tambem chamado, por alguns, de confederação das tribus **Cariry**s, e no assalto á villa de Aquiraz, onde morreram centenares de pessôas.

"Em dias de Agosto de 1713, epocha em que teve lugar este grande desastre, fez o Capitão-mór Francisco Duarte de Vasconcellos um grande conselho de guerra na Fortaleza com os officiaes da Camara da Villa e os cabos de guerra da Capitania, para concertar os melhores meios de destruir o dito inimigo, e recuperar a Capitania tomada pelos barbaros levantados. E assentaram todos que se lançasse um bando em nome de S. Magestade que se publicasse e afixasse de maneira que a noticia chegasse á todos os moradores, no qual se referisse e declarasse que dava o dito Capitão-mór a campanha livre e isenta dos quintos reaes das presas que houvesse na guerra dos ditos Gentios aos que lh'a fizessem até se socegar e resgatar d'elles a Capitania, porque maior prejuizo segue á real corôa perder esta do que os quintos das presas que houvesse na dita guerra".

"Nesta mesma occasião foi nomeado cabo-geral e commandante de toda esta expedição o coronel João de Barros Braga, por ter elle vindo á testa do seu regimento de cavallaria das varzeas do Jaguaribe soccorrer a fortaleza logo que soubera do aperto em que se achava pela rebellião dos **Tapuias**. Reuniu moradores e Indios mansos e ficis, á testa dos quaes fez aos rebeldes uma guerra cruenta naqual matou grande numero delles, e aprisionou mais de quatrocentos, dos quaes mataram-se logo noventa e cinco á ferro frio, e depois de amar-

(23) Doc. n.º XI — publicado na Rev. do Inst. do Ceará. Tomo IV, 1890, por J. B. P. de Oliveira.

(24) Apparece graphado *Jaguaribas* em vez de *Jaguaribaras* no documento apontado.

(25) Registro de uma portaria do Coronel Jorge da Costa Correia.

rados, por desconfiança que houve deste gentio, pelo motivo de serem homens de armas, conhecidamente guerreiros e muito destemidos, e juntamente incapazes de se sugeitarem ás leis divinas e humanas, como a experiencia bastante tem mostrado a sua infidelidade e constança".

"O coronel João de Barros Braga, depois de varrido do littoral e do baixo Jaguaribe, e sertões mais proximos do mar, o inimigo barbaro com grande prejuizo deste, mandou o capitão do seu regimento Pascoal Correia Lima limpar a bacia do Banabuiú onde este matou grande numero de inimigos e aprisionou cento e vinte e cinco cabeças".

"Todos estes Indios aprisionados foram repartidos por entre os colonos e Indios auxiliares, á excepção dos **Teremembés** que se provou terem sido obrigados a acompanhar os rebeldes afim de remirem as suas vidas; por isto foram elles entregues a seu missionario por ordem da Junta das Missões e do Reverendo D. Manoel Alves da Costa, Bispo de Pernambuco. Estas particularidades contam de um processo mandado instaurar contra o coronel João de Barros Braga pelo Capitão-mór do Ceará Placido de Azevedo Faleão, afim de obrigal-o a quintar os prisioneiros não obstante o theor do bando afixado por seu predecessor, e tambem pelo seu successor Manoel da Fonseca Jayme" (Theberge).

Alguns annos mais tarde, já no governo de Manoel Francez, a tribu dos **Jaguaribaras** deu, de parceria com os **Anassés** em invadir as fazendas do Piancó afim de roubar gado e animaes. O Capitão-mór do Ceará querendo por fim a taes actos de rapinagem expediu, com data de 22 de Janeiro de 1725, uma portaria mandando que o coronel Jorge da Costa Correia reunisse uma tropa de 30 até 40 homens brancos, e tupis e alguns **Paiacús** e fosse batel-os. Caso a tropa fizesse prisioneiros o coronel devia trazel-os para a fortaleza afim de se quintar (26).

*

Junto á costa havia ainda os **Guanacés** ou **Anassés**, os **Guanasseguaçú** e **Guanassémirim**, tribus inimigas entre si e provavelmente da mesma parentela, os **Assanassessassú**, todos ci-

(26) Registro de uma Portaria ao Coronel Jorge da Costa Gadelha. Fort. 22 de Janeiro de 1725.

tados por Mathias Beck (27), os **Jaguaruanas**, que habitavam entre os rios **Curú** e **Acarahú** (28) e os **Jagoarigoaris** (29).

Os **Anassés** constituiam uma das poderosas tribus indigenas do Ceará (30).

No governo de Domingos Sá Barbosa, desavieram-se **Anassés** e **Jaguaruanas** sendo preciso para acalmal-os a intervenção do Pe. Pedro de Pedroso, que então missionava os indigenas da Ibiapaba.

O Pe. Antonio Vieira narra minuciosamente o facto na sua "Relação da Missão da serra de Ibiapaba".

Em 1666 estavam os **Anassés** em franca rebeldia. Do regimento dado nessa epocha ao ajudante Phelippe Coelho de Moraes pelo Capitão-mór Mello Gusmão, para ir a Jericoacoara, consta lhe ter sido ordenado que se durante a viagem encontrasse alguma horda dessa nação lhe fizesse guerra, levando tudo a ferro e fogo e matasse todos os varões em estado de pegar em armas.

Em 1694 Fernão Carrilho situou parte dos **Anassés** em Parnamirim, a 8 leguas ao N. da fortaleza de N. S. d'Assumpção, tendo talvez em vista o pedido que dois annos antes elles haviam feito a Pedro Lelou para se aldeiarem e baptisarem seus filhos.

Os gentios de Parnamirim foram, no segundo quartel do XVII seculo, aggregados aos de Paopina.

Essa nação de tapuias tomou parte no levante que teve lugar em 1713, sendo, mais tarde, grande numero de seus membros mandados reunir aos **Tabajaras** de Villa Viçosa.

---

(27) *Mathias Beck* "Diario da Expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649". Trad. de Alf. de Carvalho, no livro "Commemorando o Tricentenario da vinda dos Portuguezes ao Ceará, ps. 359 e 372.

(28) Assegura Araripe que *Jaguaruana* e *Guainacés* são denominações particulares dos *Anassés*, "porquanto, diz elle, nos documentos antigos que consultou, não encontrou o nome de sua habitação". E' esse tambem o parecer de Paulino Nogueira "Vocabulario indigena". Acceitamos a opinião de Araripe apenas no que diz respeito á indentidade dos *Guanacés* ou *Guianacés* com os *Anassés*.

(29) Em diversos escriptos do seculo XVII encontramos para designar as tribus dos *Jaguaruanas* e *Jaguarigoaris*, os seguintes nomes: *Jaguarurana* e *Jaguararana*, para a primeira, e *Jagoarigoras*, *Jagureguaras* e *Iguariguaras*, para a segunda. Num documento de 1672 deparou-se-nos a variante *Goanacezes*, para a tribu dos *Guanacés* ou *Ganacés*.

(30) Refere Fernão Carrilho, num requerimento, ter descido os *Anassés* dos sertões do Jaguaribe. Isso teria talvez induzido alguns autores a admittir uma distincção entre *Guanacés* e *Anassés*. Não acceitamos essa dualidade porque nada garante a veracidade da informação de Carrilho. Porque exaggeradas e por vezes pouco verazes eram com effeito as allegações de serviços feitas em petições dirigidas ao rei requerendo mercês.

Mello Gusmão diz que os *Guanacés* eram uma nação numerosa e inimiga declarada dos Portuguezes.

Em 1732 havia uma povoação de **Anassés** á margem do riacho então chamado Aguanambi, administrada pelo dominicano Pe. Ferreira Chaves, que foi tambem incorporada a Paopina.

Os **Jaguariguaras** acompanharam de **motu** proprio ao ajudante Phelippe Coelho de Moraes em sua viagem a Jericoacoara (1671), onde fôra proteger o principal **Maraguim**, de nação **Tabajara**, que se achava ameaçado pelos **Acahamassus.**

O Pe. Luis Figueira na "Relação do Maranhão", dá a entender que **Jaguariguaras** eram indios da raça tupi, **Potiguares** que habitavam a embocadura do **Jaguaribe.**

"Vindo pois continuãdo nosso caminho mãdava-mos, escreve o Pe., indios naturaes d'aquellas partes diãte pera q' se encontrassem alguns de seus parentes **jagoarigoaras** que andavão espalhados e'o medo os trouxessem e ajuntassem assi p'a nos ajudarem com pª lhe darmos as alegres novas da Provisão de sua Magde em q'os avia a todos por livres e forros".

A etymologia da palavra **Jaguariguara** parece tambem confirmar esta supposição.

Diz Theberge que os **Anassés** e os **Jaguaruranas** foram aldeiados perto de Uruburetama.

*

Para além do rio Mundahú, demoravam os **Teremembós, Tremembés** ou **Taramambés,** gentios cujos dominios iam até ás margens do Parnahyba, segundo uns, ou até á foz do Itapicurú, segundo outros.

O Pe. Ivo d'Evreux chama-os de **Cannibaliers** e o Pe. Antonio Vieira assegura serem elles os mesmos selvicolas que, em alguns documentos antigos, apparecem com o nome de **Alarves** (31).

Martius e Rivet, baseados na existencia de determinadas affinidades do fallar dos **Tremembés** com a chamada lingua geral, incluiram esses indios no grupo tupi ao passo que P. A. Métraux, levado pelo estudo de alguns vocabulos tremembés conservados por Bettendorf, pretende que elles tinham um idioma proprio e formavam, portanto, um grupo a parte na linguistica sul americana.

Nenhum desses illustres americanistas parece ter razão.

Os chronistas antigos que se referem ao Ceará são unanimes em nomeal-os de tapuias e essa denominação é plenamen-

(31) Ainda desta vez a informação de Vieira não é verdadeira pois *alarve* é synonimo de indio *Cariry* como se pode concluir da memoria de Pedro Carrilho.

te confirmada pelo exame de seus usos e costumes que nos são bastantemente conhecidos graças aos escriptos de Ivo d'Evreux, do Pe. Bettendorf e de Berredo (32).

Eram indios feros e indomaveis e constituiam, como bem faz notar Capistrano de Abreu, a guarda avançada dos povos Cariry's (33).

---

(32) Berredo nos "Annaes do Estado do Maranhão", Ivo d'Evreux na "Viagem do norte do Brazil" e o Pe. João Felippe de Bettendorf, se occupam detidamente desses gentios, tornando perfeitamente conhecidos todos os detalhes de sua existencia miseravel.

"São valentes os *Tremembés,* diz o Pe. Ivo, e temidos pelos *Tupinambás;* d'estatura regular, mais vagabundos do que estaveis em suas moradas; alimentam-se ordinariamente de peixes, porém vão á caça quando lhes apraz; não gostam de fazer hortas, e nem casas; moram debaixo das choupanas; preferem as planicies ás florestas porque com um simples olhar descobrem tudo quanto está ás suas vistas.

Não conduzem após si muita bagagem, pois contentam-se com seus arcos, flexas, machados, um pouco de *caúi,* algumas cabaças para guardar agua, e umas panellas para cozinhar a comida; com mais destreza que os *Tupinambás* pescam á flexa; são tão robustos a ponto de segurarem pelo braço um dos seus inimigos e atirarem-no ao chão, como se fosse um capão. Dormem n'areia ordinariamente".

Berredo põe sobretudo em relevo suas qualidades de emeritos nadadores, sua indole feroz e os ardis de que usavam na guerra.

"Sendo todos os Indios Americanos grandes nadadores, são os *Tarairambezes* entre todos elles os mais insignes; porque sem outra embarcação, que a de seus proprios braços, e quando muito um pequeno remo, além de atravessarem em muitas leguas de agua, se conservam tambem debaixo d'ella por largos espaços livres de receio; e aproveitando-se naquelle tempo desta habilidade os documentos barbaros de sua fereza, se algum navio dos que navegam para o Maranhão, dava fundo na Costa (como se faz sempre preciso para montar melhor a corôa grande, baixo mui perigoso), empenhavam todas as diligencias no silencio da noite, por lhe picar a amarra, para que buscando, como buscava logo, seu fatal naufragio nas mesmas visinhanças de sua vivenda, não só se servisse a sua ambição nesta infame victoria dos despojos da carga, mas tambem das vidas innocentes dos pobres naufragantes, a brutalidade da sua gula".

O Pe. João Felippe de Bettendorf completa, em largos traços, o retrato dos *Teremembés,* fazendo realçar a repulsa que tinham pelas coisas da religião.

"Costuma, escreve elle, dizer o Padre Pero Pedroso, o qual, como missionario das Serras de Ibiapaba, tinha tratado muito com os *Teremembezeres* sem nunca poder converter um só delles á nossa Santa Fé, que lhe parece que eram precitos todos tambem confesso que fóra desta occasião nunca pude dar-lhe um bom sentimento de Deus quando me vinham ver".

(33) Paulino Nogueira, escudado na autoridade do Pe. Vieira, affirma que os *Teremembés* eram indios morigerados e de indole pacifica. Será esta talvez a verdade. Todavia o nome *teremembé* por que eram conhecidos, a perseguição movida, — na epocha do Dominio hollandez — aos selvicolas das visinhanças de Jericoacoara, os constantes ataques por elles levados a effeito contra o fortim de N. S. do Rosario e, mais ainda, a opinião dos autores citados na nota anterior, tudo, emfim, parece indicar a fereza de seus animos. Em abono do pensar de Paulino Nogueira ha ainda o facto de ter o indio Francisco Aragibá, quando interrogado por Mathias Beck a respeito dos *Tremembés,* respondido serem elles bôa gente.

As primeiras pazes celebradas entre Lusitanos e **Tremembés** datam de 1613, quando Martim Soares foi ao Maranhão para informar-se da terra.

Ali teve bôa acolhida por parte dos indios dessa parentela que habitavam o Periá e a elles deveu o não ter sido aprisionado pelos Francezes e **Tupinambás** de quem eram inimigos.

No Ceará as relações entre brancos e **Tremembés** foram sempre pouco cordiaes.

O fortim de N. S. do Rosario, fundado por Jeronymo de Albuquerque para assegurar a conquista do Maranhão, tornou-se o alvo constante de suas investidas.

Em principios de 1614 trezentos selvicolas emprehenderam mesmo a tomal-o de assalto sendo, todavia, repellidos com grandes perdas (B. de Studart).

Durante a primeira invasão hollandeza no Ceará esses indigenas receberam mal os novos conquistadores, que se viram obrigados a construir um reducto na Jericoacoara para refugio de sua gente e de seus alliados tupis (34).

Depois de 1649 não mais hostilizaram elles os batavos passando mesmo a viver em bôa paz com os **Tabajaras**, de Camocim, que lhes eram muito affeiçoados (35).

A animosidade contra os Luso-Brasileiros continuava, porém, cada vez mais obstinada. Nessa epocha, vindo um barco portuguez a Camocim fazer aguadas, os **Tremembés** incidiosamente delle se assenhorearam matando todos os tripulantes (36).

Assignada a capitulação de Taborda e expulsos os flamengos do Ceará, continuaram esses tapuias a mover guerra aos lusitanos não obstante deligenciarem elles por captar-lhes a amizade.

Em 1656 indo um principal da nação **Tremembé** chamado **Tatuguassú** com varios indios ao Maranhão tratar de pazes, recebeu-os o governador André Vidal de Negreiros com todas as honras e attenções.

Não impediu, todavia, o procedimento do governador que a gente de **Tatuguassú** tentasse trucidar o Pe. Pedroso e sua comitiva, quando viajavam em demanda á Ibiapaba.

Em 1671 uma colonia de **Tremembés** se achava fixada proximo á fortaleza de N. S. d'Assumpção.

Os indios, que a compunham, cançados das violencias e máos tratos que lhes infligiam os brancos retiraram-se, naquelle

(34) J. Catunda. Op. Cit. p. 97.

(35) Mathias Beck — Op. cit. p. 381.

(36) Carta de Ruy Vaz de Sequeira a El rei em 20 de Abril de 1663. Doc. n.º 284.

anno, para suas terras declarando não mais quererem commercio com os extrangeiros.

A attitude desassombrada desses homens alarmou grandemente o capitão-mór Jorge Correia da Silva.

Receando se puzessem elles em armas, mandou o capitão-mór que o ajudante Francisco Martins, com dezoito infantes e oitenta indios, seguisse para Jericoacoara a vigial-os.

A principal instrucção do regimento dado ao commandante da força, ordenava que caso verificasse terem os **Tremembés** hostilizado os brancos ou matado os soldados e selvicolas mansos mandados por seu antecessor ao Maranhão, devia "exterminal-os de modo que não houvesse mais noticia dessa nação e trazer seus filhos captivos para Fortaleza" (37).

A esse tempo já muito enfraquecidos e desfalcados vagavam pelo littoral em grupo pouco numeroso que nada tinham perdido ainda de sua primitiva ferocidade.

Em 1674 alguns naufragos portuguezes deram costa em suas terras e foram, dizem certos escriptores lusos sempre interessados em deprimir os naturaes, por elles devorados.

Tal acto de ferocidade foi o ponto de partida para terriveis represalias, pois deu logar a que o governador do Maranhão Ignacio Coelho mandasse para punil-os severamente uma força sob as ordens do capitão-mór Vital Maciel.

A expedição partiu de S. Luis nos principios de Abril e se compunha de 150 soldados e quinhentos indios inclusive alguma infantaria vinda do Pará.

A tropa venceu facilmente os indios, havendo-se Vital Maciel para com os gentios culpados com a crueldade costumeira.

Eis como o Pe. Felippe Bettendorf pinta em toda a sua crueza a terrivel matança que se seguiu á lucta entre portuguezes e indios.

A descripção é um pouco longa mas não deixa de ser interessante e instructiva. E' mais um attestado da fereza com que tratavam os lusitanos aos infelizes indigenas.

"... de ambas as bandas, escreve o Pe., houve uma peleja muito grande em que se feriram uns aos outros e iam acudindo os Tremembés, parte mortos a frechadas dos indios da tropa, parte ás pelouradas dos brancos, que com suas armas de fogo faziam grande estrago; houve aquella occasião um principal já de muita idade, chamado **Midinapá**, o qual sentindo-se gravemente ferido se assentou sobre o chão, pelejando com incrivel valor e defendendo-se ás frechadas até que um valoroso

(37) Documento n.º IV, publicado na Revista do Instituto do Ceará n.º IV, 1890, por João B. Perdigão de Oliveira.

indio, chegando-se a elle com um terçado que levava ás mãos lhe partiu a cabeça e assim o acabou de matar.

Depois disso cercou-se a ilha ou mangal onde estava os mais, e entraram os indios de nossas aldeias com tanta furia, acompanhados dos brancos, que por terem visto feridos alguns parentes seus, começavam a matar tudo quanto havia sem perdão a nenhum nem ainda as mulheres e seus filhinhos, pegando a estes pelos pés e dando com as cabecinhas delles pelas arvores que tiravam a vida a todos".

Occorre naturalmente perguntar a razão de tão grande crueldade para com os vencidos? Em Berredo, que tambem trata do assumpto, encontramos a explicação da ferocidade com que se houveram os soldados nessa occasião matando até creanças e mulheres que elles sempre procuravam escravisar. — **E' que com as leys ultimas prohibiam absolutamente todo genero de captiveiro...**

Aldeiados no fim do seculo XVII pelos jesuitas perto de Camocim (Theberge) e nas praias de Lençóes, Tutoya do gentio, passaram, em 1702, para as margens do Aracatymirim, no Municipio do Acarahú.

Foi seu primeiro missionario o Pe. José Borges de Novaes, fallecido a 2 de Dezembro de 1721.

Os **Tremembés** tomaram bem a contra gosto parte no chamado levante dos **Tapuias**, em 1713.

Depois da expulsão dos jesuitas, que os assistiam, foram os **Tremembés** mandados transferir para a villa de Soure. Narra-se que o director d'aquella villa para os obrigar a seguil-o mandou incendiar as aldeias em que viviam.

Como succedera por toda parte os recemchegados não se adaptaram ao novo meio, nem fizeram bôa amizade com os moradores do lugar. Muitos abandonaram a villa, fugindo uns para os taboleiros do littoral e desertando outros para a visinha Capitania do Maranhão.

Aos que permaneceram em terras cearenses tentou em vão o director da villa de Soure fazel-os regressar.

Sua intervenção resultou contraproducente. Os indigenas não quizeram obedecel-o e muitos delles se foram refugiar em Tutoya, facto que o levou a desistir da empreza.

Mais tarde, em 1766, o governador Borges da Fonseca compadecido da miseria em que viviam os **Tremembés**, desamparados de toda assistencia material e moral, vivendo como brutos, reuniu-os novamente na antiga missão da margem do Aracatymirim e deu-lhes um cabo de esquadra do presidio, de **reconhecida capacidade e prudencia para que os dirigisse, e um**

soldado de boas letras para que admittisse os meninos a ler e e escrever (38).

A aldeia de Areocatamerim dos indios **Tremembés**, como era chamada, por vezes, tomou em 1766 o nome de Almofala (39).

Por volta de 1818 existiam ainda na Parochia de N. S. da Conceição de Almofala indios **Tremembés** que pacificamente se dedicavam á agricultura.

Quer Nelson de Senna que algumas tribus dessa nação tenham migrado, na occasião da conquista, para o sul do Paiz, indo se estabelecer nos valles do Alto S. Francisco e Rio Parahyba, onde viviam os **Cataguás**, que, no dizer daquelle autor, seriam seus legitimos descendentes.

O facto é contradictado e com razão, por Affonso de Freitas (40) que chama de absurda tal affirmativa.

Difficil é com effeito, admittir-se que dizimados e enfraquecidos podessem as hordas **Tremembés** fazer incolumes tão longa caminhada através dos dominios dos Aymorés ou pelo territorio das numerosas nações que demoravam no littoral desde a Parahyba até o Rio de Janeiro.

De mais a mais já Gabriel Soares enumera os **Cataguás** entre as tribus tapuias de que dá conta, vivendo entre o Espirito Santo e Porto Seguro, em epocha, portanto, muito anterior á colonização do Ceará.

*

Na ribeira do Acarahú habitavam ainda os **Aperiús** (41), os **Arariús** e os **Acriús.** Em 1713, na occasião da revolta dos **Anassés**, desse tremendo conflicto racial que poz a Capitania do Ceará a dois dedos da ruina, rebellaram-se tambem os **Acriús**, destruindo casas, matando gado e obrigando os moradores do lugar a fugirem para a Ibiapaba.

---

(38) Carta de Borges da Fonseca, datada de 9 de Novembro de 1766, publicada pelo Barão de Studart — *in* Notas para a Historia do Ceará. Lisbôa — 1892.

(39) Essa villa foi em tempos idos soterrada por uma immensa duna que após muitos annos de lento caminhar começa agora a descobrir a velha Igreja

Em Almofala tem sido encontrada enorme quantidade de artefactos de pedra dos indigenas cearenses. Vide Artefactos indigenas do Ceará *in* R. do Instituto do Ceará.

(40) Affonso A. de Freitas — "Distribuição geographica das tribus indigenas". Thése apresentada ao 1.º Congresso de Historia Nacional. Rio, 1915, p. 508.

(41) *Thomaz Pompeu Sobrinho* — "Etymologia de algumas palavras indigenas" "Rev. do Inst. do Ceará". Vol. XXXIII, 1919. p. 212.

Tiveram esses indios sua missão no riacho do Guimarães (Theberge).

Os bravios **araríús, arerius, irarius, irarijús** ou ainda **areurús** foram, por sua vez, aldeiados na Meruoca, em 1700, pelo Pe. João Teixeira de Miranda (42).

Essa tribu soffrera fortissima guerra ao tempo de Bento Corrêa de Figueiredo, em 1674, sendo quasi anniquilada pela tropa enviada por esse capitão-mór para aquietal-a.

Por documentos officiaes se sabe que mesmo depois de avassallados não perderam os **Arerius** seu animo guerreiro, tanto assim que no anno de 1713 amotinaram-se muitos delles novamente assaltando, de parceria com outras tribus tapuias, a villa de Aquiraz (43).

Na lucta que se seguiu ao ataque e tomada da villa foram os **Areriús** dizimados (44).

O senado da camara de Aquiraz escrevendo ao Dez. Christovão Soares Reimão, em 8 de Fevereiro de 1714, diz que nesse conflicto armado os **Areriús** haviam perdido muita gente e delles já poucos existiam.

Apezar de batidos, os indios continuaram a enfrentar corajosamente os Portuguezes. De 27 de Março de 1715 data uma C. R. ao governador de Pernambuco, D. Lourenço de Almeida, determinando que se continuasse com todo fervor a guerra iniciada pelo seu antecessor Felix José Machado contra os tapuias do Ceará "para que se os extingam ou se os afugentem de nós, tanto que nos fique livre o uso da terra, ou se faça nelles tal estrago, que os intimidem, em forma que a mais se não atrevam, e fiquem os meus vassallos livres de padecer hostilidades, como as semelhantes que agora experimentam".

Os gentios **Arariús** foram tambem aldeiados na povoação de N. S. d'Assumpção da Ibiapaba.

*

Movendo desabrida perseguição ao colono e em lucta continuada contra as outras nações, erravam pelas cabeceiras do Curú e pelas margens dos rios Quixeramobim e Banabuyú, os indios **Canindés** e **Genipapos.**

(42) O Pe. J. Teixeira de Miranda com seus indios ajudou, em 1712 a levantar o sitio, que o gentio bravo havia posto aos moradores da Ribeira do Acarahú (B. de Studart).

(43) Da rebeldia deu, como vimos, parte a camara de Aquiraz não só ao governador de Pernambuco em carta de 28 de Outubro de 1713, como tambem ao proprio rei.

(44) *Thomaz Pompeu Sobrinho* (Op. cit.) distingue *Irariu*, que diz significar colmeia, de *arcriu*, que, para elle, quer dizer companheiros nascidos atôa. "Rev. do Inst. do Ceará" Tomo XVI, 1902.

No anno de 1712, já muito diminuidos em numero e alquebrados, alliaram-se **Canindés** e **Genipapos** a outras tribus irritadas contra os brancos, e, colligados num derradeiro esforço, tentaram sacudir o jugo avassallador do extrangeiro.

Venceram, porém, mais uma vez a força disciplinada e astucia do portuguez e os indios pagaram com grandes perdas de vidas seus anceios de liberdade.

Na occasião do assalto á villa de Aquiraz, levantaram-se tambem os **Canindés** na cabeceira do rio Banabuyú, pondo em serio perigo a vida e a propriedade dos povoadores do lugar.

Nenhum mal lhes adveio, porém, dessa rebeldia pois fôram comprehendidos na amnistia concedida pelo governador de Pernambuco em Novembro de 1713.

Em 1721, por ordem do capitão-mór, Salvador Alves da Silva, o capitão Luis Pereira, o commissario Clemente de Azevedo e o coronel Manoel de Castro Caldas deram novamente combate a esses tapuias.

Batidos no lugar chamado Boqueirão e acossados pela tropa os indigenas fugiram, procurando guarida na povoação de S. João, onde assistia o Pe. Antonio Caldas Lobato, sacerdote do habito de S. Pedro, que os metteu dentro da igreja.

De nada lhes valeu, todavia, a protecção do missionario. Alguns gentios foram mesmo assim aprisionados e repartidos como presa de guerra.

O rei de Portugal informado do facto, ordenou, em C. R. de 16 de Outubro de 1722 ao governador de Pernambuco D Manoel Roulim de Moura, que fizesse restituir á liberdade os Tapuias e désse baixa nos cabos que tinham ido naquella expedição, caso apurasse ter sido injusta essa campanha (45).

Já em 11 de Agosto de 1721, dois dias portanto antes de partir a expedição contra os **Genipapos**, a camara de Aquiraz representara em vão ao Capitão-mór do Ceará mostrando a injustiça de semelhante empreza.

Os **Genipapos** tomaram parte activa no conflicto havido entre os Montes e os Feitozas, como parciaes desses ultimos. Convocados pelo Coronel Francisco Alves Feitosa e Lourenço Alves, que eram cabos das ribeiras do Inhamuns e Quixelô, esses gentios em numero de 80 (e não 800 como escrevem muitos) se incorporaram aos Feitosas commettendo os maiores desatinos contra os Montes e seus aggregados.

A pratica de actos tão maleficos provocou, de parte do capitão-mór Manoel Francez, prompta providencia.

Para que esses indios não mais pegassem em armas con-

(45) *Ver Esboço historico, p.* 118.

tra os brancos, resolveu o capitão-mór, depois de ter ouvido a junta de pessoas gradas da Capitania, mandal-os, bem como aos **Icós** e **Quixerariús**, que tambem haviam intervido na lucta, retirar para o Piauhy á ordem do mestre de Campo Bernardo de Carvalho de Aguiar, até ulterior deliberação de S. Magestade El Rei de Portugal (46).

Ao que parece os **Genipapos** não se deram pressa em cumprir as ordens do capitão-mór, pois, no anno seguinte, em Março de 1727, por determinação daquella autoridade, João de Barros Braga subiu pela ribeira do Jaguaribe e foi até os limites com o Piauhy, exterminando os gentios parciaes de um e outro grupo e desassombrando os moradores.

O grosso dessa tropa era constituido por indios **Canindés** e **Paiacús.**

Em 1731, cincoenta casaes de indios **Canindés**, approximadamente, pediram a Duarte Sodré Pereira, governador de Pernambuco, um missionario e a permissão para se aldearem nas cabeceiras do Choró, na passagem que chamavam Muxió, allegando que havia mais de vinte annos viviam no gremio da igreja sem terem tido missionario proprio. No mesmo requerimento solicitaram mais duas leguas de terra: Uma tendo pião no olho d'agua d'Oxoyú, para fazerem sua aldeia, e a outra por detraz da serra dos Macacos, para plantarem e crearem.

O governador, ouvido o capitão-mór do Ceará, concedeu, por acto de 13 de Março do referido anno, a legua de terra pedida no lugar Muxió.

Igual solicitação fizeram os **Genipapos**, em 21 de Outubro de 1739, ao Governador de Pernambuco Henrique Lins Pereira Freire, por intermedio do indio Miguel da Silva Cardoso.

Essa autoridade mandou-os aldeiar com os Canindés, por serem ambos da mesma lingua e parentes, no sitio chamado Banabuyú, districto do Jaguaribe, determinando que se formasse uma companhia de Infantaria na aldeia e nomeando para commandal-a o requerente Miguel da Silva Cardoso.

Removida primeiramente para o lugar hoje denominado Aldeia-Velha, proximo do Taboleiro d'Areia, no Municipio de Limoeiro, passou a povoação, em seguida, a residir no sacco da Serra da Palma, ao sul da bacia do Açude do Cedro, no Quixadá, onde existem ruinas da antiga Capellinha (A. Bezerra).

A missão da Palma ou de N. S. da Palma, como era conhecido o aldeiamento dos tapuias **Canindés** e **Genipapos**, ahi não demorou.

De Quixadá veio ter á serra de Baturité e ahi elevada

(46) Edital do Capitão-mór Manoel Francez, publicado por Antonio Bezerra no t. XVI da Rev. do Inst. do Ceará.

á cathegoria de villa, em 1764, sob o nome de Monte-mór o novo d' America. Em 1858 crearam-na cidade de Baturité.

Diz Antonio Bezerra que por occasião de installar-se a villa de Monte-Mór, foi proposto e nomeado por carta patente de 30 de Junho de 1764, pelo Governador de Pernambuco, Conde de Villa-Flôr, Capitão-mór da nova villa o Indio Miguel da Silva Cardoso, o chefe dos **Genipapos**, aquelle mesmo que em 21 de Outubro de 1739 pedia ao Governador um missionario para sua aldeia, e fôra aldeiado com os seus no sitio **Banabuyú**.

No Governo de Barba Alardo de Menezes (1808-1811) a villa de Monte-Mór, o novo, era quasi toda composta de indios e mamelucos.

*

Os **Tabajaras**, indios da lingua geral e afiliados dos **Tupiniquins**, dominavam Serra Grande, onde se haviam estabelecido muitos lustros antes da conquista do Ceará.

O territorio sujeito ás suas armas se extendia até ás proximidades da actual cidade de Camocim sendo as aldeias em que habitavam numerosas e vastas.

As malocas mais importantes dessa tribu eram commandadas por **Irapuan** e **Juruparyassú**, (47) o gran-

(47) A vida de *Juruparyassú* é um interessante capitulo da nossa historia colonial.

E' Diabo Grande, em 1604, a alma da resistencia aos Portuguezes, defendendo com constancia e energia as terras da Ibiapaba contra as investidas de Pero Coelho e sua tropa.

Da lucta cruenta travada na Serra Grande entre Portuguezes, de um lado, e Francezes e *Tabajaras*, do outro, e da brilhante victoria dos primeiros com o aprizionamento de dez francezes, se tem noticia pela narrativa feita no Cap. XXXVIII da "Historia do Brasil" de Frei Vicente do Salvador.

Do assumpto se occupou tambem o Pe. Claudio d'Abbeville na "Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Moragnan", mas confundiu lamentavelmente os successos occorridos nas duas primeiras expedições portuguezas que foram á Serra da Ibiapaba: A guerreira com a de catechese; a de Pero Coelho com a de Francisco Pinto.

Mais tarde, já feitas as pazes entre *Tabajaras* e conquistadores, é, á sombra da taba de Diabo Grande que os acolhe com respeito, que os Pes. jesuitas Figueira e Francisco Pinto descançam das fadigas da viagem antes de iniciarem sua obra benemerita de catechese.

Depois apparece o celebre *morubichaba* alliado aos soldados de Jeronymo de Albuquerque batendo as outras tribus da região.

De *Juruparyassú*, faz Catunda, o seguinte e phantasioso retrato psychologico. "Era a personificação dos vicios e qualidades da raça: bravura ruidosa e theatral, rhetorica facil e obscena, dissimulação, perfidia, incapacidade do bem, intelligencia prompta do mal, instinctos rapaces. Entenebrecia-lhe a fronte melancholia feroz, como si a voz interior lhe segredasse o martyriologio de sua posteridade através da historia, em cuja esphera ia apparecer, porém, transfigurado pela infusão de sangue mais nobre".

O Pe. Ivo d'Evreux pretende que Diabo Grande era mameluco, filho de um francez com uma india e, portanto, amigo e alliado natural dos Francezes.

de chefe a quem o Pe. Vieira chama erradamente **Taguaibunuçú** (48).

Como succederá por todo o Brasil, o primeiro contacto com os aventureiros portuguezes foi aqui igualmente fatal aos **Tabajaras.**

A chegada de Pero Coelho á serra foi para elles o inicio da derrocada. Batidos nos successivos encontros, que tiveram com as tropas lusitanas, de tal horror se tomaram os indios, que nada menos de 70 aldeias emigraram para o Maranhão e ahi pereceram victimados pela variola e pelo odio dos tapuias e francezes.

"Indo nos cinquo leguas da Aldêa nos alcanssou hu mancebo que trazia novas de como erão vindos hus poucos de indios reliquias de 70 aldeas que cõ medo dos brãcos e p. se verem livres delle fugirão e forão acabar no Maranhão as mãos dos tapuias e frãcezes, e outra gente do mesmo Maranhão q' cõ os francezes lhe fizerão guerra, ajudado-os tambem a peste que lhes deu", escreve o Pe. Pinto (48-a).

Quando os hollandezes invadiram o Ceará, em 1637, os **Tabajaras,** que habitavam o littoral e cujos chefes mais famosos eram **Tagoaibuçú, Caragoatay** e **Tiuma** ou **Ticuna,** se fizeram amigos e alliados dos novos conquistadores.

Capitaneados por Gedion Morris e depois por Jacob Evans, dezenas de guerreiros dessa tribu seguiram para o Maranhão a dar combate aos portuguezes e mesmo aos indios de sua propria nação que permaneciam fieis á causa lusitana.

Ingratos se mostraram, porém, os filhos dos Paizes Baixos para com os gentios cearenses.

Batidos em S. Luis e d'ahi expulsos pelas forças victoriosas de Antonio Teixeira de Mello, em 1644, os invasores fugiram por mar para Pernambuco, centro do dominio neederlan-

---

(48) *Tagaibuçú* ou *Taguaibunucú* era principal dos *Tabajaras* de Camocim em 1649.

(48-a) A defecção dos indios para o Maranhão pouco diminuiu o numero de hordas que habitavam a Ibiapaba. Naquelle extenso platô vinham constantemente aposentar-se as tribus alhures vencidas na aspera peleja contra o invazor extrangeiro ou tangidos das visinhas capitanias do Nordeste pelas aperturas da concurrencia vital.

Esse movimento migratorio, iniciado antes mesmos da epocha da conquista da Parahyba pelos lusitanos, tomou ainda mais incremento depois que os hollandezes foram expulsos do Nordeste.

Levas e levas de fugitivos deixavam então suas terras e partiam, seguindo através dos sertões cearenses em demanda á serra onde pretendiam estabelecer uma especie de estado indio em absoluto independente dos europeus. (Veja-se a carta de Mathias Beck, escripta de Barbados, em 8 de Outubro de 1654. (Souto Maior. "A missão de Antonio Paraupaba ante o governo Hollandez (R. do Inst. do Ceará. Tomo XXVI. Anno XXVI).

dez no Brasil, abandonando á sanha dos Tapuias, nas praias desertas do Camocim, os homens que haviam compellido a auxilial-os na empreza ingloria de submetter ao extrangeiro a propria terra.

Dessa falta de reconhecimento foram, todavia, cruelmente castigados.

Profundamente offendidos com o procedimento dos brancos, assentaram os nativos delles tirar vingança e nesse intuito, chefiados por **Tuina**, dirigiram suas armas contra o reducto estabelecido pelos batavos nas margens do Camocim. Victoriosos, a nenhum dos soldados da guarnição do presidio pouparam a vida. A seguir, surprehenderam tambem o fortim hollandez de Jericoacoara matando a todos os occupantes.

Cinco annos depois desses tragicos acontecimentos que pela segunda vez irradicaram do solo cearense a raça branca, voltaram os hollandezes ao Ceará.

Vinham agora animados do desejo de se locupletarem com as riquezas mineraes que julgavam existir em pontos varios da Capitania.

A Ibiapaba era então tida como uma das regiões particularmente ricas e para poderem explora-l-a tranquillamente empenharam-se elles em firmar novamente pazes com os **Tabajaras.**

Entaboladas as negociações, por intermedio do indio Francisco Aragiba, principal dos **Potiguares** do Ceará, cedo chegaram a bom termo e a melhor harmonia estabeleceu-se entre advnas e indigenas.

Muito ingenuos e crendeiros, os gentios da serra se deixaram de tal forma empolgar pelos brancos que quasi se tornaram voluntariamente seus escravos.

O Pe. Vieira, tratando do facto com uma natural pontinha de despeito, assim se expressa:

"Pode comtudo tanto a industria e a manha dos hollandezes que, com a dissimulação e liberalidade, tornaram depois a reconciliar os animos desta gente, e não só os fizeram amiga, mas a renderam e sujeitaram de maneira que quasi se deixaram presidir delles em suas aldeias, não havendo nenhuma em que não estivessem como de sentinella alguns hollandezes".

Os **Tabajaras** foram os primeiros selvicolas da Ibiapaba missionados pelos jesuitas. Doutrinaram-nos os Pes. Luis Figueira e Francisco Pinto, em 1607 mas sem resultados apreciaveis.

O incidente havido entre soldados do sequito de Jeronymo de Albuquerque e os indios de **Juruparyassú** prova sobejamente que esses selvicolas permaneciam ainda, em 1612, arrai-

gados ás suas grosseiras usanças e pouco inclinados a guardar lealdade aos portuguezes (49).

Eram anthropophagos inveterados e conservaram esse barbaro costume mesmo depois de longa convivencia com os europeus.

Como se pode concluir do trecho seguinte, transcripto da "Relação da Missão da Serra da Ibiapaba" da autoria do citado Pe. Vieira, muitas foram as victimas de sua ferocidade.

"He toda esta costa cheia de muitos baixos, escreve o Padre, que com o vento e correntes das aguas se mudam frequentemente; e foram muitos navios de differentes nações que aqui fizerão naufragio, os quaes eram despojos da cubiça de crueldade e de gula dos Tabajaras, porque tudo o que escapava do mar vinha cahir em suas mãos, roubando aos miseraveis naufragantes as fazendas, tirando-lhes as vidas, e comendo-lhes os corpos.

E depois que a experiencia ensinou aos mareantes a se livrarem dos perigos da costa, inventou nelle a voracidade e a cubiça desta gente outro genero de baixios, e mais cegos em que muitos faziam os mesmo naufragio.

Ião os mais ladinos delles aos navios que passavão de largo, promettião grandes thesouros de ambar pelo resgate das mercadorias que levavão, e quando sahirão com ellas em terra os compradores, succedia-lhes o que nestes ultimos annos aconteceu a uma náo da Companhia da Bolsa de que era capitão Francisco da Cunha, o qual debaixo destas promessas de ambar mandou a terra trinta soldados, e sahindo da praia ao rôlo do mar outros trinta indios forçosos para os tirarem ás costas assim atacados comsigo os metterão matto dentro, e os matarão e cosinhão com grande festa, e os comerão a todos, não vendo os que ficarão na náo mais que o fumo dos companheiros, que não cheirava a ambar, porque esperavão".

Verdade é que depois da morte de Francisco Pinto, sacrificado á sanha sanguinaria dos **Tacaryús** da Serra Grande, os **Tabajaras** ficaram quasi meio seculo sem assistencia religiosa.

(49) Catunda, estribado em Diogo de Campos Moreno, narra-o da seguinte forma:

"Continuavam entretanto os indios da Ibiapaba nas luctas de exterminio de uns contra outros. Para bater, sinão para exterminar a uma d'essas tribus inimigas, se dirigiu Jurupary-assú ao forte de N. S. do Rosario, e feitas pazes com os portuguezes, ao commandante pediu que lhe desse auxilio. Acompanharam-nos dous soldados que com os seos mosquêtes o ajudaram a desbaratar os contrarios. Obtido esse resultado, *Jurupary-assú* comeu os prisioneiros, e premeditou fazer o mesmo a seos hospedes e auxiliares como prova de gratidão; plano que deixou de realizar pela intervenção de uma de suas mulheres de nome *Itabée*".

Só em 1656, quando já se haviam dissipados os echos do dominio hollandez no Brasil, foi que o Pe. Antonio Vieira, então superior da Missão do Maranhão, resolveu promover novamente a catechese dos gentios da Ibiapaba para lá mandando os Pes. jesuitas Pedro Barbosa de Pedroso e Antonio Ribeiro.

Assim procedendo visava o Pe. Vieira não só chamar ao gremio da igreja novos proselytos, mas, sobretudo, combater as ideias hereticas ahi implantadas pelos indios fugitivos de Pernambuco, Parahyba e Rio Grande do Norte.

Dois annos após o inicio dessas missões e graças sobretudo aos incessantes esforços do Pe. Ribeiro contava a Igreja nada menos de 2.500 neophytos.

Não cahira, porém, ainda dessa vez, a bôa semente do evangelho em terreno propicio.

O espirito de rebeldia innato no indio dominava-os de quando em vez. Assim em 1661 dirigidos pelo principal D. Simão **Tagoaybuna** amotinaram-se contra os padres, expulsando-os e batendo as forças do cabo Manoel Carvalho Fialho, enviado para contel-os (50).

E' interessante notar-se que mezes antes, em 1660, indo o Pe. Vieira em visita ás missões da Ibiapaba, os **Tabajaras** haviam, em suas mãos, jurado vassalagem ao rei de Portugal (51).

Durou a lucta muito tempo. D. Simão, o promotor do motim, foi preso alguns mezes depois de iniciado o levante, em 1663, pelo alferes Phelippe Coelho de Moraes (52), mas os indios nem por isso se submetteram.

Ainda em 1673 não estava pacificada aquella gente. Do regimento dado, em 25 de Novembro desse anno, ao Tenente Manoel Pereira da Silva pelo capitão-mór Jorge Correia da Silva para ir á Serra da Ibiapaba, consta que "os missionarios do Ceará haviam feito presente ao Capitão-mór quanto convinha ao serviço de Deus e de S. A. irem em missão ás terras da Ibiapaba a trabalharem do bem das almas da nação dos **Taba-**

(50) Na occasião desse levante um tuchaúa de nome André *Caratahy* ou *Caroatahi* e mais 400 indios de sua tribu, affeiçoados aos padres, se retiraram para o Maranhão e ahi se aldeiaram.

Um documento datado de 12 de Dezembro de 1666, diz que André *Caroatahi* regressando, mais tarde ao Ceará com intenção de ir se estabelecer em Jericoacoara fôra assaltado em caminho pelos *Acahamasús*, morrendo esse principal e quasi toda sua gente.

(51) A historia dessa missão de catechese e das innumeras provações soffridas pelos padres, vem descripta em seus detalhes na obra intitulada "Voz historica" do celebre Pe. Antonio Vieira.

(52) Carta escripta da Bahia por Francisco Barreto em 18 de Março de 1663, ao alferes Phelippe Coelho.

jaras os quaes **estavam ha annos faltos** dos Sacramentos que **lhes administravam** os Religiosos da Companhia". (53).

Frei Francisco de Sá foi o sacerdote designado para, nessa occasião, praticar os gentios da serra e fazel-os reatar as relações com os portuguezes.

Em 1692 missionava os **Tabajaras** o Pe. Mello Pedroso que conseguiu descer com destino á ribeira do Assú mais de 600 selvicolas dessa nação (54).

Na obra de catechese dos gentios **Tabajaras** do Ceará, destinguiram-se sobretudo os Pes. Assenso Gago, João Guedes e Rogerio Corsino, em cuja administração foram expulsos os jesuitas e creadas as villas e vigarias dos Indios.

A missão da Serra da Ibiapaba se desligou do Maranhão em 1720, ficando então a pertencer á jurisdicção de Pernambuco.

A povoação dos indios **Tabajaras** avassalados, da Ibiapaba, chamou-se a principio missão da Ibiapaba e depois aldeia de N. S. de Assumpção da Ibiapaba.

Por proposta do Mestre de Campo da Conquista do Maranhão e Piauhy, Bernardo Carvalho de Aguiar, e Resolução Régia de 13 de Outubro de 1718, essa aldeia, conhecida tambem pelo nome de Aldeia da Serra da Ibiapaba, foi desannexada do Ceará para o Piauhy.

Tal ordem era, porém, mais tarde revogada por C. R. de 31 de Outubro de 1721.

No anno seguinte outra C. R. confirmava a primeira, isentando da jurisdicção do Maranhão todos os indios da Ibiapaba.

Da antiga aldeia da Ibiapaba faziam parte como moradores os tapuias **Anacés, Arariús** e **Camassús.**

Sua erecção á cathegoria de villa, sob o nome de villa Viçosa Real, teve lugar em 7 de Julho de 1759.

Aos indios da aldeia de N. S. de Assumpção da Ibiapaba doou, em 1 de Outubro de 1716, D. Lourenço de Almeida uma data de sesmaria de 2 leguas de comprido e 1 de largo (B. de Studart).

Dois annos mais tarde, em 20 de Janeiro de 1718, a pedido do jesuita Padre Francisco de Lyra, superior da Missão da Ibiapaba, Manoel da Fonseca Jayme fez concessão de 7 leguas de terra aos indigenas da Ibiapaba, sendo duas ao mestre de Campo D. José de Vasconcellos, 2 ao Capitão-mór D. Sebas-

(53) Doc. II, publicado por Antonio Bezerra na R. do Inst. do Ceará. Tomo XVI. Anno 1902.

(54) Esses indios não chegaram a seu destino. Foram situados a 10 leguas ao N. da fortaleza de N. S. d'Assumpção, onde passou a assistil-os o padre Assenso Gago.

tião Saraiva e 3 a D. Jacob de Souza Castro e ás suas gentes (B. de Studart).

A D. José de Vasconcellos foram ainda concedidas pelo Capitão-mór Salvador Alz. da Silva mais duas posses de terra: uma de duas leguas de comprido e uma de largo na varzea de nome Sunnunga entre o rio Timonha e o riacho Tayiyi, e outra de meia legua de largo e tres leguas de comprido no sitio Japebebe (B. de Studart).

Por uma resolução regia, de 5 de Dezembro de 1720, tomada em consulta do conselho ultramarino doou-se aos Indios da Ibiapaba a terra, que fica em cima da serra desde a ladeira da Uruóca, até o lugar chamado Itapiuna, a vista dos relevantes serviços, que tinham prestado á corôa (B. de Studart).

*

Na Serra Grande e regiões confinantes assistiam mais os **Jurambambés**, que foram devidamente pacificados pelo Pe. Pedro Barbosa de Pedroso, os **Curatés** ou **Curatis** tambem aldeiados pelos jesuitas e os **Tacarijús**, **Tocarijú** ou **Cararijús**, tribu cujo nome se tornou tristemente celebre na chronica de nossa terra.

Em 11 de Janeiro de 1608, os **Tacarijús** assaltaram a missão dos padres da Companhia de Jesus, matando o Pe. Francisco Pinto e mais dois de seus companheiros de perigrinação.

Caro lhes custou, todavia, o assassinio do benemerito ignacino. Os **Tabajaras**, a pretexto de vingal-o, atacaram os **Tacarijús** exterminando-os quasi por completo.

Sobre a missão e morte do Pe. Pinto, lêa-se o Barão de Studart.

*

No alto sertão da Capitania demoravam ainda os indios **Carateús**, **Carathiús** ou **Caretiús**, tribu cuja historia é das mais lacunosas. Sabe-se della apenas que viveram em lucta accesa contra os Portuguezes desde os primordios de nossa colonisação e que apezar de derrotados em 1693 por Fernão Carrilho e em 1704 por Pedro de Mendonça, os **Carateús** conservaram-se sempre irreductiveis. Ora sós, ora reunidos aos **Paiacús** e **Jandoins**, ora ainda alliados aos **Icós**, como occorreu no tempo de Moraes Navarro, e em 1708, no governo do Capitão-mór Gabriel da Silva Lago, elles arremetiam contra os brancos tentando em vão desarraigal-os de suas terras.

*

Aqui viviam igualmente, por volta de 1603, cabildas numerosas de indios **Potiguares** ou **Petiguares**, chegados recentemente do Rio Grande do Norte, de onde os expellira o colonizador branco.

Nos albores do seculo XVII, dilatavam elles seus dominios pela ribamar cearense até o Parasinho, distante 35 leguas da foz do Jaguaribe (55).

O limite meridional do territorio desses brasis tocava ás margens do rio Parahyba.

Filiados no tronco dos **Tupinambás**, foram os **Potiguares** adversarios declarados dos Portuguezes no inicio da colonisação do Brasil.

Tendo estado durante varios annos alliados aos Francezes estabelecidos com feitorias na fóz do Parahyba e na bahia da Traição, voltaram-se elles contra os reincolas quando tentaram pela primeira vez povoar o Nordeste, hostilizando tenazmente.

O mappa de Jacques de Vandeclaye, desenhado em 1579 e reproduzido no atlas de Rio Branco, figura um semi circulo entre o rio S. Domingos ou Parahyba, e o da Cruz ou Camocim, e nelle inscreve dez mil indios, dispostos a combater os portuguezes (C. de Abreu).

Batidos continuadamente nas Capitanias da Parahyba e Rio Grande do Norte pelas forças congregadas dos **Lusitanos** e **Tabajaras**, muitos **Potiguares** fugiram para o interior á procura de novas terras, emquanto outros, menos altivos, depunham temporariamente as armas. Aquelles que acceitaram o jugo dos reinós se tornaram mais tarde seus auxiliares prestimosos na conquista do Ceará.

A Pero Coelho e depois aos jesuitas Figueira e Francisco Pinto, acompanharam, como é sabido, numerosos flecheiros dessa nação alistados no Rio Grande do Norte, Parahyba e mesmo em Pernambuco, onde já os havia aldeiados pelos padres.

Emquanto as tribus dos territorios visinhos bandeavam-se, os **Potiguares** cearenses permaneciam fieis aos seus antigos alliados, com quem continuavam commerciando largamente.

Eram assás numerosos quando, em 1603, se defrontaram com a bandeira de Pero Coelho.

---

(55) Mais tarde os *Potiguares*, que habitavam o baixo Jaguaribe, tiveram de ceder á pressão dos *Paiacús*, selvicolas de outra parentela que contra elles desenvolviam tenaz perseguição, transportando suas tabas para as proximidades da enseada do Mucuripe e do rio Ceará, deixando livre a região.

Perseguidos e escravisados pelos expedicionarios, seu numero decresceu, porém, rapidamente e quatro annos depois, quando aqui chegaram os jesuitas, mandados em catechese por Fernão Cardim, a tribu dos **Potiguares** estava reduzidissima, vivendo os indios sob o terror constante dos **tapuias** e **Portuguezes** (56).

O Pe. Figueira, em sua derrota para a Ibiapaba, reuniu-os primeiramente á beira da enseada do Parasinho, onde levantou uma cruz, (57) e depois, já de regresso de sua missão evangelica, na margem do rio Ceará, fundando ahi a aldeia de S. Lourenço (58).

A animosidade dos **Potiguares** contra os **Portuguezes** foi aqui das mais aggressivas e duradoiras.

Soffreram, não raro, seus funestos effeitos os caçadores de ambar que, vez por outra, perlustravam nossas praias em busca do precioso producto.

Um facto de grande repercussão no scenario de nossa historia veio, porém, modificar esse estado de coisas.

Durante a expedição de 1603, um principal potiguar chamado **Jacaúna** se affeiçoara a Martim Soares Moreno, moço do sequito de Pero Coelho que veio a ser mais tarde vinculo de ligação entre brancos e indios.

A sympathia do chefe se limitava, porém, á pessôa do destemido aventureiro lusitano. Dos outros portuguezes elle e seu bando continuavam arredios e temerosos.

Os ingentes esforços empregados por Martim Soares, quando servio como tenente da fortaleza do Rio Grande do Norte, afim de captar para seus patricios as bôas graças dos gentios, resultaram inuteis durante muito tempo.

---

(56) "Vendo eu q'os mais não q'rião vir, procurei então os ajuntar todos p. q'em todo aquelle certão do Jaguaribe aonde dantes havia grandiss° n° de aldeas agora serão por todos grandes e pequenos, como oitocentas almas, os quaes estão em sete ou oito aldeas", lê-se na "Relação do Maranhão", precioso documento publicado na Revista do Instituto do Ceará, pelo Barão de Studart.

(57) "de todos ajuntey os principaes e os persuadi se ajuntarem a roçar em certa parte mais acomodada traçando-lhe as casas e levãtando-lhe uma fermosa cruz de cedro cõ seu tt° cousas qu'elles estimão muito e le pus o nome a aldea de S. Lourenço por serem seu dia levãtada a crus", escreveu Luis Figueira.

(58) Baseados talvez nas Instrucções, entregues aos Pes. Luis Figueira e Francisco Pinto, em as quaes se lhes recommendava "que antes de passarem adiante chegassem ao Ceará, onde tinha estado Martim Soares Moreno, para temperarem os animos d'aquelles indios notavelmente azedos com o destempero de Pero Coelho" quasi todos os autores affirmam que a aldeia de S. Lourenço foi erigida pelos jesuitas quando seguiram para a Serra Grande. A carta do proprio Figueira, a que já nos referimos, contraria, porém, formalmente esse modo de pensar.

A primeira victoria contra as suas prevenções teve-a elle em 1611.

Vindo ao Ceará, mais uma vez, conseguiu que os gentios o auxiliassem a tomar de assalto uma embarcação franceza que arribara ao Mucuripe e matassem toda a tripulação nella embarcada.

Ficava assim rôta a amizade quasi secular entre **Potiguares** e loiros Mairs: agora tinham de alliar-se aos odiados Perós (C. de Abreu).

De Jacaúna alcançou ainda que mandasse um filho como emissario á Bahia solicitar a D. Diogo de Menezes, Capitão General do Brazil, pazes e um padre que assistisse e doutrinasse os indios de sua taba, levando-lhe, como penhor da nova alliança, os tropheus colhidos no combate de Mucuripe.

No anno seguinte, veio Martim Soares Moreno estabelecer-se no Ceará. Os **Potiguares** que estavam reunidos em 4 aldeias junto á barra do Ceará não mais hostilizaram os colonizadores.

"Tem esta nova Colonia 4 aldeias de Indios de que é senhor um Indio chamado Jacaúna muito bom indio e que me quer muito" escreveu o proprio Capitão-mór na "Relação do Siará".

O poderoso chefe indigena tornou-se desde então grande amigo dos Portuguezes, ajudando-os não só na construcção da ermida de N. S. do Amparo, como tambem na defesa contra as investidas de piratas extrangeiros que aqui vinham commerciar.

As relações entre **Potiguares** e colonisadores foram mais ou menos cordiaes até 1631 (59).

Com a partida de Martim Soares para Pernambuco, onde foi servir nas guerras flamengas, tudo mudou.

Não tendo a contel-os o pulso forte do fundador do Ceará, nem a grande autoridade de Jacaúna (60), começaram os indios mansos a hostilizar a gente do presidio.

Depois da morte de Domingos da Veiga, seu successor immediato, a situação da Colonia tomou um caracter ainda mais grave.

Trabalhados por agentes ao serviço da Hollanda puzeram-se os **Potiguares** em franca rebeldia, chegando mesmo a des-

(59) Em 1627 os habitantes de uma das aldeias se amotinaram, facto esse que não teve, todavia, consequencias. Tal occorrencia foi communicada ao Rei de Portugal por Francisco Coelho de Carvalho, 1.º capitão general e governador do Maranhão, em carta de 6 de Fevereiro de 1627.

(60) O silencio dos documentos e chronicas em torno do nome de Jacaúna, induz-nos a crêr que o chefe potiguar já então houvesse desapparecido.

pachar uma embaixada para Pernambuco afim de convidar o Principe de Nassau a mandar tomar posse da Capitania e offerecer-lhe apoio contra os Lusitanos.

O Principe acceitou a alliança proposta, ordenando que o major George Gartsman occupasse a terra que lhe era offerecida por tão pouco preço.

Aportando a expedição ao Ceará, apressaram-se os gentios a auxiliar os batavos que, depois de desembarcarem nas proximidades de Mucuripe, assaltaram o reducto de S. Sebastião, unica praça forte existente na Capitania, tomando-o facilmente e fazendo prisioneira a guarnição.

O facto occorreu a 26 de Outubro de 1637.

Cabe reaffirmar aqui, juntando novos documentos, o que já alhures (61) dissemos a proposito das causas que levaram os **Tupinambás** do Ceará a se rebellarem.

A revolta contra os reinós não foi, como pensam e escrevem chronistas lusitanos e historiadores nacionaes, uma consequencia natural da indole volubil do indigena, uma simples explosão de instinctos rapaces mal adormecidos ainda hoje n'alma dos caboclos nortistas que delles descendem. A rebellião dos indios, em 1637, deve ser considerada, como, aliás, já o accentuou Varnhagen, um golpe de mão habilmente preparado pelos Hollandezes.

Sua origem remonta, com effeito, a 1625, data em que a esquadra do almirante Boudewyn Hendrickson, que regressava de S. Salvador, fundeou na Bahia da Traição d'ahi levando para os Paizes Baixos varios dos nossos gentios. Esses selvicolas, que ali aprenderam o hollandez e as doutrinas da religião reformada, voltaram mais tarde ao Recife, e, internando-se pelos sertões nordestinos, espalharam a noticia do dominio batavo em Pernambuco e se fizeram seus propagandistas.

No numero dos que foram ás Provincias Unidas, estavam Gaspar Paraupaba e André Francisco, indios do Ceará, que devem ter sido encarregados de rebellar os que ainda permaneciam fieis á corôa hespanhola (62).

Da leitura da "Historia ou Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes", escripta por Joan-

(61) Carlos Studart Filho — Notas para a Historia das fortificações do Ceará — Fortaleza 1930.

(62) No livro oitavo dos Annaes dos feitos da Companhia Privilegiada das Indias Occidentaes se lê:

"Já contámos antes que o *commandeur* Smient, com o indio vindo em commissão aos nossos e *os que haviam morado na Hollanda*, foi mandado ao Ceará para tratar com os Tapuyas que vivem naquella região. Partiu do Recife com o navio *Nieuze-Nederlandt* e com a sua chalupa no dia 13 de Outubro, chegou perto do Porto Francez ao pôr do sol e seguiu ao longo da costa..."

nes de Laet e traduzida pelos snrs. Dr. José Hygino Duarte Pereira e Pedro Souto Maior, se sabe igualmente que, em 1631, o Commandante Smient aqui veio no Nieuw Nederlandt, trazendo, por ordem do Supremo Conselho do Recife, alguns indios que foram desembarcados nas proximidades da enseada de Mucuripe, a 2 leguas do Fortim de S. Sebastião.

Tinham elles a missão secreta de amotinar os tapuias e **Potiguares** cearenses e negociar a entrega da praça.

Pouco tempo durou a fidelidade dos indios a seus novos alliados.

As duas raças eram demasiado dispares para se comprehenderem e se tolerarem. A separal-as havia fundos preconceitos ethnicos.

Os batavos que tinham por toda parte no Brasil a constante preoccupação de attrahir á sua causa o indigena, agiram aqui de modo inteiramente diverso. No Ceará a politica dos emissarios da Companhia das Indias Occidentaes em relação aos **Potiguares**, não differiu da dos Portuguezes. Era oppressora, cruel e sobretudo deshonesta. O luso affligia o nativo com violencia de toda sorte e impunha, aos que lograva reduzir á escravidão, o opprobio de pesadas tarefas; o hollandez por seu lado obrigava-o a rudes labores sob a promessa de uma remuneração sempre esquecida. Os indios ficavam assim mezes e mezes sem receber jornal.

Ora, foi justamente a falta de pagamento de salarios aos selvicolas mansos que trabalhavam nas salinas da Companhia, que os levou a se revoltarem novamente no anno de 1644.

Nessa occasião os **Potiguares** tomaram o fortim de S. Sebastião, trucidando a todos que ahi encontraram.

Dentre os extrangeiros immolados á sanha sanguinaria dos brazis, succumbiu o commandante Gedion Morris, que tanta ascendencia julgava ter sobre elles.

Existiam então no Ceará apenas duas povoações de indios tupis avassallados: uma situada a 2 horas do fortim e a outra a quatro.

"Os habitantes, dizia Van Ham em sua carta de 17 de Abril de 1638, têm duas aldeias, uma grande e uma pequena. Uma dellas está a duas horas de viagem d'aqui e a outra a quatro, cada uma tem o seu principal; o da aldeia grande chama-se Diogo Algedor, o da pequena Koyaba" (63).

(63) Diogo Algedor ou Algodão é provavelmente um filho de Jacaúna. O mesmo talvez que, em 1611, fôra mandado á Bahia, a instancias de Martim Soares e que depois, com a idade de 18 annos, embarcou na Armada de Jeronymo de Albuquerque. Isso nos parece mais certo do que identifical-o com o chefe Algodão que se communicou com os Pes. Figueira e Francisco Pinto na Ibiapaba, onde o levara o desejo de falar aos Padres.

Quando occorreu a 2.ª invasão hollandeza, em 1649, os **Potiguares** acolheram com demonstrações de sympathias a Mathias Beck que, valendo-se de presentes e dadivas, conseguiu viver com elles em relativa harmonia até 1654.

Como se vê da Planta do Forte de Schoonenborch, levantada em Abril de 1649, os indios estavam então reunidos em tres aldeias: duas situadas á margem direita do rio Ceará e cujos principaes eram Francisco Caraya e Francisco Aragiba, e a outra, chamada aldeia de Pirapedoba, existia um pouco mais para o interior.

A aldeia de Pirapedoba ou de Paraipaba, como vem consignada no "Diario de Mathias Beck", era, nessa epocha, chefiada por um tuchaúa de nome João **Amanijú-pitanga.**

Ao ser restabelecido o poder lusitano no Brasil e entregue, a 20 de Maio de 1654, a Capitania do Ceará aos Portuguezes houve uma debandada quasi geral. Muitos **Potiguares** receiando crueis vindictas dos Portuguezes abandonaram precipitadamente o littoral, refugiando-se na Ibiapaba.

O Pe. Antonio Vieira, narrando o facto na "Relação da Missão da Serra da Ibiapaba", diz que os brasilienses "temendo que os Portuguezes, como tão escandalisados, applicariam as armas victoriosas á vingança, que tão merecido tinham, e obrigados de certo rumor falso de que os brancos iam levando tudo á espada, lançaram-se cega e arrebatadamente aos bosques com suas mulheres e filhos onde muitos pereceram á mão dos **Tapuias** e os demais se encaminharam ás serras de Ibiapaba, como refugio conhecido e valhacoito seguro dos malfeitores".

O chefe Algodão retirou-se com os seus para Camocim (64) de onde só regressou dois annos depois.

Os indios avassalados, que se deixaram ficar com os portuguezes, continuaram aggregados em aldeias, localisados nas proximidades do antigo fortim de S. Sebastião, conhecidas apenas pelo nome de seus chefes ou principaes.

Dessas povoações a primeira que teve denominação especial foi a de Porangaba. Seu nome parece ter sido dado pelos jesuitas, a quem Francisco Barreto de Menezes commetteu o encargo de aqui doutrinarem os gentios depois da expulsão dos Hollandezes (A. Bezerra).

A epocha em que se deu a mudança das aldeias dos **Potiguares** da margem do rio Ceará não pode ser determinada

(64) Carta do Capitão-mór do Ceará, Domingos de Sá Barbosa a El-rei em 9 de Fevereiro de 1656.

ainda com precisão. Nenhum dos documentos coevos, que conhecemos, resolve essa questão (65).

O certo é que o primeiro a pedir a retirada das missões christãns da proximidade do presidio, foi o Padre Pedro Barbosa de Pedroso (66). Ao formular seu pedido suggeriu elle ao Governador que se as transferissem todas para o sitio do **Moruga**, situada a quatro leguas da fortaleza para o sertão, ou para o **Paramoti**, cinco leguas pela costa abaixo para o Nordeste, onde, no pensar do Padre, não padeceriam os indios a penuria que então experimentavam.

Secundou a palavra do missionario, Diogo Coelho de Albuquerque, capitão-mór do Ceará, em 1662.

O alvitre proposto parece ter sido promptamente acceito. Todavia, em carta de 18 de Março de 1663, o governador determinou que "não tivesse lugar a dita mudança emquanto se não aquietassem as revoluções do gentio, visto o risco que correriam se se desviassem do forte com a guerra que lhes faziam os Tapuyas".

Commandava os indios tupis do Ceará em 1662, na qualidade de Capitão-mór, o principal João Algodão (67).

Em 1666 já estava mudada a aldeia de Porangaba. Sob o nome de Bom Jesus da Aldêa da Porangaba (68), teve ella assento primeiramente em Mondubim, onde o Rei de Portugal mandou dar aos indios uma legua para sustento de seus moradores.

Ao local onde se acha actualmente só passou quando foi, a 25 de Outubro de 1759, erigida em villa com o titulo de Villa Real de Arronches, pelo desembargador Bernardo Coelho da Gama Casco (69).

Os principaes das aldeias dos brasilienses eram, em 1666, João Algodão e Francisco Aragiba (70), os mesmos chefes que, annos antes, tinham mandado ratificar as pazes por elles pro-

(65) Diz Theberge erradamente que a aldeia de Porangaba foi estabelecida por Martim Soares perto da Lagoa de Arronches.

(66) Provisão que o Governador da Bahia, Francisco Barreto passou aos Pes. missionarios da Companhia, em 17 de Abril de 1662.

(67) João Algodão fôra imposto pelos Portuguezes na funcção de Capitão-mór em substituição a Francisco Cariuba que por haver adherido á revolta do principal tabajara Simão Tagoaybuna, vira-se, em 1661, desterrado para Pernambuco.

(68) Veja-se a ordem expedida, em 8 de Dezembro de 1666, ao ajudante Phelippe Coelho de Moraes, pelo Capitão-mór João de Mello Gusmão.

(69) Antonio Bezerra "Algumas origens do Ceará" Fort.

(70) Esse Francisco Aragiba não deve ser o mesmo Francisco Aragiba (n.º 1), o mais velho dos principaes cearenses que em 1649 acolheram bem a Mathias Beck e que foi por aquelle chefe encarregado de reatar as amizades dos batavos com os *Tabajaras*.

mettidas aos Portuguezes quando estes recuperaram a Capitania do Ceará (71).

De Porangaba se destacaram, em epochas para nós ainda incertas, as aldeias de S. Sebastião de Paupina (72) e Caucaia, a que dirigiam parentes ou descendentes de Algodão (73).

Della parece tambem se ter originado a aldeia Nova de Pitaguary, cujos habitantes foram, por volta de 1731, incorporados aos de Porangaba.

Em virtude da ordem regia de 24 de Setembro de 1758, as aldeias citadas passaram á cathegoria de villas. Caucaia a 15 de Outubro de 1759 com o nome de Villa Nova de Soure e Paupina a 1.º de Janeiro de 1760 com a denominação de Villa Nova de Messejana.

Os **Potiguares** do Ceará, uma vez pacificados, prestaram aos Portuguezes os mais assignalados serviços. Além de figurarem em quasi todas as campanhas internas que aqui occorreram depois de 1666, cooperando com os colonizadores contra tapuias **Carirys**, foram igualmente utilisados em expedições guerreiras fóra da Capitania.

Durante a lucta contra o dominio Hollandez, Martim Soares levou comsigo para o Arraial de Bom Jesus, em Pernambuco, numerosos guerreiros dessa tribu, delles já se tendo feito acompanhar quando fôra ao Maranhão reconhecer os Francezes.

Um contingente de **Potiguares** seguiu na armada de Jeronymo de Albuquerque para a ilha de S. Luis, em Setembro de 1614, e outro embarcou na frota de Alexandre de Moura com igual destino.

Os gentios **Potiguares** obtiveram do governo Lusitano varias datas de sesmarias: a 2 de Junho de 1718 Manoel da Fonseca Jayme concedeu por data de sesmaria ao chefe Algodão e mais indios da Missão de Porangaba uma posse de terra na serra de Maranguape (B. de Studart).

Anteriormente, a 25 de Fevereiro de 1707, Gabriel da Silva Lago concedeu a Thomé Dias, principal dos indios de

(71) João Algodão e Francisco Aragiba apparecem ainda em 1671 requerendo, na qualidade de chefes da aldeia de Porangaba, licença ao Capitão-mór Jorge Correia da Silva para fazer guerra aos tapuias *Paiacús*.

(72) Paupina já existia em 1692, como se vê da carta escripta pelo almotacé Antonio Luiz Glz da Camara Coutinho ao principal da citada aldeia.

(73) Os Algodões logo que se instituiram as aldeias de Porangaba e Paupina, apparecem cognominados Soares Algodão.

E' o primeiro João Soares Algodão, desde o anno de 1665, 2.º José Soares Algodão em 1705, 3.º Sebastião Soares Algodão em 1739, 4.º João Soares Algodão, e este ainda em 25 de Outubro de 1759, na inauguração da villa nova Real de Arronches, para cujo governo é eleito juiz ordinario (Antonio Bezerra).

Porangaba, por data de sesmaria, todas as sobras das terras que se achassem desde a lagôa **Caracú** (Acaracúsinho), correndo para a Serra da Sapupára e pela costa da serra de Maranguape (Pe. R. da Cunha).

Por O. R. de 23 de Novembro de 1741 e assentimento da Junta das Missões de Pernambuco se mediu e demarcou para elles uma legua de terra em quadro de tres mil braças (B. de Studart).

Aos indios de Paupina se fez, a 12 de Janeiro de 1722, mercê de terras na Serra de Pacatuba.

Em 20 de Abril do mesmo anno, Manoel Francez concedeu ao chefe e mais moradores da Aldeia Nova, por data de sesmaria, as terras que cultivavam ao pé da serra de Pitaguary, as faldas d'aquella serra até encontrar com a data dos indios de Paupina na serra de Pacatuba, e do dito Pitaguary até a serra de Sapupára (B. de Studart).

*

Na antiga Capitania do Ceará Grande encontraram os colonisadores os **Xixirós**, reduzidos á obediencia por Placido de Azevedo Falcão e pelo padre João de Mattos, prefeito das missões, em 1700, os **Xocós**, que viviam entre o Ceará e a Parahyba, e os **Humons**.

Refere o Barão de Studart que os **Xocós e Humons**, alliados aos **Quipapás**, invadiram em 1843 o termo de Jardim roubando e incendiando casas, o que fizeram igualmente em Pernambuco e Parahyba.

O conselheiro Araripe occupando-se das **tribus indigenas, conquista e aldeiamento das mesmas e seu estado presente**, dá o facto como occorrido em 1814, no Governo de Manoel Ignacio de Sampaio, que teria mandado "um destacamento que combinado com alguma tropa vinda de Pernambuco e da Parahyba os obrigou a procurar abrigo em mais remoto sertão".

Em 1860 existiam ainda no termo de Milagres uns trinta ou quarenta indios pertencentes á tribu dos **Xocós**.

O botanico inglez George Gardner que atravessou o Ceará de 1838 a 1839, conheceu os **Humons** que, reduzidos a uns 80 individuos, demoravam a 7 leguas ao SO de Jardim e os **Xocós** que habitavam a 13 leguas ao S. daquella villa.

*

Havia mais os **Cabindas**,* os **Juremas**,* os **Jururús**,* os **Irapuás**,* **Candandús**,* os **Quererеus**,* das Cabeceiras do Jagua-

ribt (74) os **Chorós*** (75), os **Itanhás,*** citados estes por Von Martius e aldeiados, segundo Rodolpho Garcia, em Monte-mór, o novo, e os **Gariús, Ariús ou Uriús.**

Com os **Uriús** firmou o cabo Francisco Martins um tratado de paz, ratificado depois, em 1671, pelo capitão-mór Jorge Correia da Silva.

Esses indios foram, por volta de 1697, localisados perto de Campina Grande por Theodosio de Oliveira Ledo, capitão-mór de Piranhas e Piancó e missionado por um religioso de S. Antonio.

Na carta que dirigiu ao Rei de Portugal, em Maio de 1700, Moraes Navarro allude á tribu tapuia dos **Uriús** que diz inimiga dos Portuguezes.

Não conseguimos apurar em que região do Ceará dominavam esses selvicolas. Parece, todavia, provavel que vivessem proximo dos **Paiacús** a quem, em fins do XVII seculo propuzeram firmar uma alliança contra os brancos.

Joffily informa que elles occupavam as margens dos rios Pinharás, Sabugy e alto Piranhas.

*

Apontam-se ainda como existindo aqui os **Acahamassus, Camassus** ou **Camamus** que, em 1666, trucidaram o principal **Caroataiy** e sua gente e que habitavam entre Camocim e a Serra da Ibiapaba, os **Anaperú*** (76), os **Quixariú**, os **Quixarás** ou **Quixadás**, que demoravam na barra do Sitiá, os **Perga** ou **Peiga** e os **Panaticurema,*** que assistiam proximo da fortaleza de N. S. d'Assumpção (77); os **Javós** e os **Janduins** ou **Gendoins** (78).

(74) Citados pelo Barão de Studart — "Geographia do Ceará", p. 281.

(75) Citado por Nelson de Senna — "Os indios do Brasil", p. 107.

(76) Citados por Th. Pompeu Sobrinho — "Etymologia de algumas palavras indigenas" — Rev. do Inst. do Ceará, Tomo XXXIII, 1919, p. 212.

(77) Cit. por Barba Alardo de Menezes — "Memoria sobre a Capitania do Ceará Grande", p. 43.

(78) Theberge cita mais os *Guaios,** que, segundo elle, empregavam flechas hervadas, os *Jaburús,* os *Paliés,* os *Mandavés* e *Naporás,* os *Campéos,* que, no dizer deste autor, cortavam e conduziam como tropheu a cabeça de seus inimigos, os *Aquigiros* e os *Inhamuns,* que demorariam entre os *Quixelôs* e os *Jucás.* Os nomes apontados por Theberge não apparecem, porém, nos escriptos antigos referentes ao Ceará Colonial.

Segundo Catunda, os gentios *Inhamuns* eram inimigos irreconciliaveis da tribu dos *Icós* e foram por ella quasi anniquilados em 1726, no decorrer da lucta entre Montes e Feitosas. Theberge, por sua vez, narra detalhadamente o encontro dos *Inhamuns* com os *Icós* que teria occorrido em S. Matheus. Esse facto não possúe, porém, como mostrou A. Bezerra, nenhum cunho de authenticidade. Os indios *Inhamuns* não têm seu nome inscripto nos annaes da Terra da Luz.

(*) Não encontramos menção do nome das tribus marcadas com * em nenhum dos documentos que sobre o assumpto ora em debate tivemos occasião de consultar.

A palavra **Jandoim** ou **Janduim** (79) é o appellativo tupi, extranhamente mutilado, de certo **morubichaba** de uma cabilda tapuia que demorava principalmente na Parahyba e cujo nome **Tararyuck** ou **Tarairijús** (80) nos foi communicado pelos chronistas batavos.

A tribu dos **Tararyuck** compunha-se segundo o calculo dos Hollandezes divulgado por Laet, de cerca de 1.600 pessôas, entrando nesse numero as mulheres e as creanças.

Joannes de Laet informa que os **Tarairijús** se dividiam em dois grupos amigos que consideravam como sua a extensão de terra comprehendida entre os cinco rios chamados **Ociunon, Quoaouguh, Ocioro, Upanema** e **Woroiguh.**

Não logramos identificar os rios assim denominados. Todavia, pela avaliação feita pelo proprio Laet, suas terras deviam ir até a Capitania do Ceará, região "a qual se julgavam com direito e desejavam retomar aos Portuguezes".

Na epocha em que batavos e portuguezes disputavam a posse do solo brasileiro, **Jandoim** e sua gente se bandiaram com os emissarios da Companhia das Indias Occidentaes, servindo-os leal e efficientemente.

Para melhor ajudal-os contra os Portuguezes elles vieram habitar nas proximidades do forte de Ceulen.

Os serviços prestados por esses selvagens, são attestados pelo tremendo morticinio de **Cunhaú** e **Uruassú**, sangrentas tragedias que, no dizer de Nieuhof "tiveram a vantagem de expurgar temporariamente de portuguezes rebeldes a Capitania do Rio Grande do Norte".

Foi auxiliado por elles que o Batavo, em 1631, poude levar a effeito suas viagens de exploração no interior da Parahyba e Rio Grande do Norte, das quaes nada resultou.

Pela memoria escripta por Pedro Carrilho se sabe que nos annos de 1687 a 1688, levantaram-se os **Jandoins** nas ribeiras do Assú, Mossoró e Apody, não deixando pedra sobre pedra e causando a perda de milhares de cabeças de gado (81).

Ha quem faça remontar o inicio dessa revolta ao anno de 1886, pois já a 12 de Abril daquelle anno mandava Paschoal Gonçalves de Carvalho, capitão-mór do Rio Grande, que o Co-

(79) Encontram-se ainda as variantes *Janduy, Jandovi* e *Jan Dovi*, etc.

(80) E. Herckman, tratando dos *Carirys*, divide-os em *Cariry vasys, Caririyjous, Carirys* e *Tarairijus* e accrescenta: — *Janduy* era rei de uma das facções em que se bipartia a tribu dos *Tarairijús*. A outra era commandada por *Karqara*.

(81) De pax Estauão, tao bem os *gandoins* quando se leuantarão nas Rybeiras, d'oasú, Moxoro e Apody, Em os annos de 1687 p. 88 matando a toda a Couza viva E ao depois queymando e abrazando tudo não deixando, pau nem pedras sobre pedra de que aynda oje aparesem as Roynas diz Pedro Carrilho.

ronel de cavallaria das ordenanças Jeronymo Cavalcante de Albuquerque seguisse para o sertão a dar combate aos tapuias sublevados.

Para outros a chamada guerra dos barbaros teve começo em 1683.

Foi esta certamente a mais importante rebellião de indios que occorreu no Rio Grande do Norte, pois os amotinados, a quem se tinham juntado varias outras tribus cariry, chegaram até as proximidades da villa do Rio Grande, tendo antes assolado todo o territorio da Capitania.

Extendendo-se a revolta dos **Jandoins** ao Ceará e se achando nella tambem compromettidos os **Paiacús**, ordenou Luis da Fonseca que o cabo Dias Carvalho seguisse para o Jaguaribe a frente de 700 homens para pol-os em paz.

A tropa cearense, narram as chronicas, logrou matar e captivar muitos inimigos mas esse successo nada teve de definitivo. Tanto assim que em 1688 foi, como vimos, necessario recorrer aos Paulistas.

Sustentam alguns autores que a campanha dos Paulistas durou 6 annos terminando pela dispersão, morte e aprisionamento dos indios. Verdade é, porém, que tambem elles não lograram dominar o levante.

A sequencia dos acontecimentos confirma esta nossa asseverativa.

Num dos encontros havido em 1694 no baixo Jaguaribe, entre insurrectos e a tropa luso-brasileira, aquelles mataram um filho de Mathias Cardoso, ferindo o proprio mestre de Campos.

Visando punil-os de mais esse crime foi que Fernão Carrilho enviou para a ribeira do Jaguaribe a 26 de Junho de 1694 uma força sob o commando de Francisco Dias Carvalho, facto que já referimos no capitulo relativo aos **Paiacús**.

Uma carta Regia de 12 de Dezembro de 1695 a Caetano de Mello de Castro falla na venda de indios captivados por Francisco Dias Carvalho.

A tribu dos **Jandoins** foi, em parte, pacificada por Bernardo Vieira de Mello no anno de 1697.

Della se serviu Moraes Navarro para perpetrar, em 1699, seu infame attentado contra os **Paiacús** do rancho de Mathias Pecco.

Uma vez servido deu-se pressa o mestre de Campo em voltar-se contra seus antigos comparsas e accusados, perante o rei, em carta datada de 1700, de o terem querido matar e de andarem a fazer terriveis depredações no Ceará.

Segundo o testemunho, aliás suspeitissimo do sargento-mór Pedro Lelou, ao Capitão-mór Bernardo Vieira de Mello — o visionario da Republica de 10 de Novembro de 1710 — cabe a culpa de haver induzido os selvicolas a assassinarem o mestre de Campo.

*

Havia, outrosim, no Ceará os **Apujarés*** e os **Quixelôs.** Estes foram submettidos á paz em 1719. No mesmo anno nomeou-se para administral-os no temporal o Coronel Gregorio Martins Chaves que devia tel-os sempre promptos para o serviço de S. Magestade.

Parece, todavia, que já antes de 1707, haviam elles sido pacificados e situados pelo Pe. João de Mattos Serra, quando empreendia sua 2.ª viagem ao alto sertão cearense.

Theberge assegura que os indios **Quixelôs** tiveram seu aldeiamento no sitio da Telha, perto da barra do rio Truçú, sendo a povoação dirigida por um frade carmelita.

Em 1791 elles estavam ainda aldeiados na missão da Telha, presentemente cidade de Iguatú, e mais na villa de S. Matheus.

Tempos depois eram os **Quixelôs** definitivamente reunidos aos **Canindés, Genipapos** e **Paiacús,** para povoarem a villa de Monte-mór, o novo d'America.